

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

AUGUSTO PERISSÉ
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de Pesquisa – Memória de Manguinhos

Entrevistado – Augusto Cid de Mello Perissé (AP)

Entrevistadora – Wanda Susana Hamilton (WH)

Data – 27/02/1986

Local – Rio de Janeiro, RJ

Duração – 3h39min

Conferência de fidelidade – Laurinda Rosa Maciel

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

PERISSÉ, Augusto Cid de Mello. *Augusto Perissé. Entrevista de história oral concedida ao projeto Memória de Manguinhos*, 1986. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2024. 43p.

Resenha biográfica

Augusto Cid de Mello Perissé nasceu a 30 de abril de 1917, em Barbacena, Minas Gerais. Formado em 1938 pela Escola Nacional de Farmácia da Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), especializou-se em química orgânica e bioquímica no Instituto Oswaldo Cruz (IOC). Além disso, é doutor em ciências pela Universidade de São Paulo (USP).

Em 1943, ingressou no IOC como químico analista. Em Manguinhos, foi tecnologista, professor, pesquisador, e organizou o laboratório de química orgânica. Também lecionou química no Instituto de Tecnologia do Rio de Janeiro e na Universidade Federal da Bahia.

Em 1957, viajou para Frankfurt, Alemanha Ocidental, a fim de realizar um curso de pós-doutorado como bolsista do Serviço Germânico de Intercâmbio Acadêmico. Em seguida, passou dois anos no Collège de France, em Paris. Retornou à França, em 1965, como pesquisador visitante do Instituto de Química de Substâncias Naturais, publicando vários trabalhos com o professor Mester.

Membro da Sociedade Brasileira de Química, da Sociedade Brasileira pelo Progresso da Ciência (SBPC), das Sociedades de Química de Londres e da Alemanha, além da Sociedade de Biologia do Rio de Janeiro, Augusto Perissé, em 1970, teve seus direitos políticos cassados e foi aposentado compulsoriamente pelo Ato Institucional nº 5 (AI-5).

Embora tenha sido aprovado em concurso para professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (SP), foi impedido de ocupar o posto devido a sua cassação. Além disso, foi obrigado a interromper suas pesquisas sobre venenos de *Diplopodas* (gongolô) brasileiros.

Em 1971, viajou para a França a convite do professor Mester, voltando a trabalhar no Instituto de Química de Substâncias Naturais, onde permaneceu até 1975. Diretor de pesquisa do Instituto de Saúde e Pesquisa Médica de Paris, Augusto Perissé esteve ainda no Instituto Max Planck, de Heidelberg, trabalhando com síntese automática de proteínas, e na Universidade Técnica de Munique.

Em 1976, foi para Moçambique como professor catedrático concursado da Universidade Eduardo Mondlane. Porém, mais tarde, com a esposa gravemente enferma, retornou ao Brasil. Augusto Perissé retomou seu trabalho em Manguinhos, em 1981, como bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), prestando consultoria à Vice-Presidência de Desenvolvimento e retomando suas pesquisas sobre os *Diplopodas* e sobre química e bioquímica da hanseníase.

Em 1986, foi reintegrado ao quadro de pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ). Devido a problemas de saúde, afastou-se deste cargo em 1994.

Sumário

Fitas 1 a 4

Origem familiar; os problemas financeiros na época em que era estudante de farmácia; a atração pela medicina; o trabalho como tecnologista da Marinha; o emprego numa fábrica de pólvora a convite de um professor; o ingresso no IOC em 1943; considerações sobre o curso de farmácia; o interesse pela botânica e a decisão de permanecer no IOC; o primeiro contato com a química; a proibição de trabalhar com síntese de composto orgânico pelo diretor do IOC, Henrique Aragão; o desenvolvimento da química no IOC e a introdução de novos cursos durante a gestão Olympio da Fonseca; o trabalho no Instituto Nacional de Tecnologia; a transferência para a USP a convite do professor Hauptman e a convivência com químicos alemães; a importância da biblioteca do IOC até 1964; comentários sobre o trabalho do professor Hauptman e de Rheinboldt; crítica à orientação científica do IOC no período pós-1964; comentários sobre o doutorado na USP; o trabalho na Bahia a convite de Edgard Santos; o curso de pós-doutorado na Alemanha; a importância das pesquisas em química experimental na USP; a vida e o trabalho em São Paulo; as dificuldades de desenvolvimento da química no Brasil; o estudo e o trabalho em bioquímica da hanseníase a importância do vínculo entre pesquisa e produção; a interrupção da pesquisa sobre hanseníase em consequência de sua cassação; a reconstrução do laboratório após o regresso a Manguinhos; as atividades profissionais em Paris durante o exílio; o trabalho realizado em Moçambique; a bolsa do CNPq para desenvolver pesquisa em hanseníase; comentários sobre a descoberta da hanseníase; a fase de decadência do IOC após a direção de Carlos Chagas; as atividades exercidas em Manguinhos entre 1943 e 1969; perfil e gestão de Olympio da Fonseca; o incentivo do CNPq à ciência no Brasil; a crença no progresso da humanidade através da ciência; a importância do Ministério da Ciência e Tecnologia para o desenvolvimento científico do país; o impacto das multinacionais sobre o desenvolvimento autônomo da ciência no país; a difícil sobrevivência dos institutos de pesquisa no Brasil; a redemocratização e legalização do Partido Comunista Brasileiro (PCB); a intervenção dos militares na vida política do país; os inquéritos militares e as cassações em Manguinhos; a solidariedade dos colegas do IOC e a repercussão das cassações; o fim do regime militar e a redemocratização na Fiocruz durante a gestão Sérgio Arouca; o caráter pessoal das perseguições movidas por Rocha Lagoa; o fechamento do laboratório de química e a perda de seus produtos após a cassação; o conflito ente os pesquisadores de Manguinhos; a paralisação da produção científica no IOC após 1970; o financiamento à pesquisa concedido pela Fundação Ford; a importância da construção de Far-Manguinhos e de Bio-Manguinhos.

Data: 27/02/1986

Fita 1 – Lado A

WH - Está sendo realizada no momento a entrevista com o Dr. Augusto Cid de Melo Perissé, se acham no local o entrevistado e Wanda Susana Hamilton, responsável pelo setor de História Oral da Casa Oswaldo Cruz; hoje é dia 27 de fevereiro de 1986 e essa entrevista está sendo realizada às 3 horas da tarde. Bom Dr. Perissé, para começar a entrevista eu gostaria que o senhor contasse... o senhor nasceu em Minas Gerais, Barbacena, e eu gostaria que o senhor contasse experiências da sua vida, ascendência francesa e sua vida em Minas Gerais.

AP – Bom. Naturalmente é um prazer muito grande... é uma honra muito grande ter essa oportunidade que nos dá a Fundação Oswaldo Cruz e, sobretudo, nós temos que acrescentar, o professor [Sérgio] Arouca... porque antes do professor Arouca a situação era outra completamente diferente. Isso eu não estou fazendo porque o professor Arouca é presidente, mas é a realidade dos fatos.

Eu nasci em Barbacena por acaso, porque meu pai era médico do Exército e naquela época o médico do Exército se transferia pra muitas outras regiões. E assim que o meu irmão mais velho também nasceu em Minas, perto de Barbacena, e isso porque o meu avô materno era um grande fazendeiro lá em Minas. Então, o meu pai foi transferido pra Minas, pra Barbacena, onde tinha um colégio militar. Esse colégio militar agora parece que se transferiu pra colégio da Aeronáutica, preparação pra Aeronáutica. Mas... então, esse colégio militar onde meu pai foi professor de biologia. Então o meu nascimento foi por acaso, em Barbacena. Nós praticamente nunca vivemos em Barbacena, quer dizer, eu... eu. Porque nasci e pouco tempo depois minha mãe veio a falecer e meu pai saiu de Barbacena e veio para o Estado do Rio, onde ele tinha nascido, ele nasceu em Pádua. Depois de Barbacena, e minha mãe tendo falecido, nós viemos... pouco tempo ficamos no Rio depois fomos para Pádua. Aí eu fui já órfão de mãe. Minha mãe morreu em 1918, eu tinha dois anos de idade... 17/18... eu tinha dois anos de idade e minha... e uma irmã, minha irmã, que é freira, tinha um ano de idade e assim... acabou a geração de minha mãe. Mas meu pai casou-se novamente e teve mais sete filhos; meu pai teve ao todo 13 filhos. E como médico do Exército era difícil a vida. Muito bem. Então, em Pádua, ele... novamente ele foi transferido e foi transferido para o Rio Grande do Sul. Foi transferido, inclusive, uma vez para Mato Grosso, onde tinha qualquer coisa do Exército, em Mato Grosso. Não me lembro disso.

WH – Os senhores acompanhavam? Os filhos acompanhavam sempre que ele era transferido?

AP – Não. No meu caso não, eu nunca acompanhei meu pai, porque nós tínhamos que estudar. Então, nós ficamos em Pádua, onde a família da nova esposa dele era de Pádua e eram... eram nossos parentes. Então nós ficamos em Pádua pra fazer o ginásio e nós... e eu fiquei sete anos apenas. Bom. Então, eu tinha madrasta, e a madrasta me hostilizou um pouco e isso me deu uma força interna integral, quando eu queria qualquer coisa, eu conseguia fazer ênfase. Aquela hostilidade da minha madrasta me fortaleceu o... moralmente, então me deu um o.. Muito bem. Aí, depois disso, depois de feito o ginásio, eu vim pro Rio, onde eu me hospedei no Hotel Modelo, lá na Lapa (rindo), pagava 10 cruzeiros por... 10 mil réis por dia. O dinheiro que eu

tinha trazido, acabou e (rindo) agora? Muito bem. Aí meu irmão foi que me sustentou algum tempo e eu pude assim fazer o curso de Farmácia. Naturalmente, a minha vontade inicial foi fazer Medicina... agora, o meu pai não tinha dinheiro pra pagar o meu primeiro cursinho pra fazer o vestibular, então era realmente difícil. E me diziam – bom, você pode fazer Farmácia – porque... meu pai, meu pai que era positivista, era um idealista, ele tinha sido deputado, era realmente um sujeito extraordinário, o meu pai. Mas acreditou que eu estudando Farmácia, que o outro meu irmão que era... já era médico e que nós poderíamos então levar a vida pra diante nessa associação. Agora, na realidade, eu nunca... nunca gostei de Farmácia, queria fazer Medicina... Mas talvez não tenha sido mal eu ter feito Farmácia não. Por que? Porque eu nunca trabalhei em Farmácia, praticamente. Eu, depois de feito o curso de Farmácia eu fui pra Marinha, onde fui tecnologista na Marinha algum tempo, depois eu fui convidado por um professor de química, que era general e que era... era gerente de uma fábrica de pólvora aqui na... fábrica de pólvora da Estrela. Muito pouco tempo eu estive lá, na fábrica de pólvora da Estrela. E depois eu fiz o concurso pra Manguinhos do DASP. Na primeira vez eu não fui bem sucedido não, eu levei pau no concurso; aí eu repeti e passei. Foram examinadores os professores Carlos Chagas Filho, professor Cardoso e outro do DASP. E dessa maneira eu consegui entrar pra Manguinhos.

WH – E por que da primeira vez o senhor não conseguiu entrar?

AP – Em virtude do... do ensino da Farmácia. O ensino da Farmácia tinha algumas coisas positivas, mas tinha coisas muito negativas porque exigia aqui (Manguinhos) um pouco mais de físico-química e que o pessoal não ensinava na Farmácia, de modo que me dificultou. Mas depois, como eu tive curso com o professor Cardoso, de preparação pro concurso, aí eu passei, aí realmente não houve dificuldade.

WH – Eram muitos os candidatos?

AP – Não. Não foram muitos. Eram... alguns ainda foram... foram eliminados, mas... mas... não, não eram muitos, não eram muitos. E o concurso só... não era difícil, mas pra aqueles que tinham preparação mais físico-química, como foi, por exemplo, o caso dos alunos que eram da... do Instituto de... Instituto do professor Chagas, esses tinham boa preparação.

VH – Instituto de Biofísica.

AP – Do Instituto de Biofísica. Então, esses passavam com muita facilidade.

WH – E por quê que o senhor veio... qual é o seu interesse em trabalhar aqui no Instituto? Por que que o senhor decidiu se interessar pelo trabalho no Instituto?

AP – Bom. Naturalmente, o Instituto Oswaldo Cruz sempre foi um grande... foi o primeiro Instituto de Ciência na América do Sul, de ciência médica, de ciências biológicas, então o Instituto sempre foi conhecido no mundo, no mundo e no Brasil, como o grande instituto de ciência. De modo que, naturalmente, isso atraía qualquer um e como atrai ainda qualquer um pra vir para o Instituto Oswaldo Cruz.

WH – Esse concurso que o senhor fez, foi um dos primeiros concursos daqui do IOC, não foi?

AP – Foi. Exatamente. Porque a maneira de se entrar para o Instituto era ter conhecido, fazer um estágio e, então, do aproveitamento do estágio, o sujeito poderia fazer o curso do Instituto e... O curso do Instituto era um curso realmente antiquado, de... do tempo de Oswaldo Cruz, onde a parasitologia, a zoologia e outras coisas, só nesses termos. E praticamente em parasitologia e microbiologia. É o tempo do... no tempo que Oswaldo Cruz foi pro Instituto Pasteur e trouxe pra cá esse curso. Na época era importantíssimo... foi o início da medicina experimental no Brasil e talvez... talvez na América do Sul, na América do Sul eu acredito, na América... nas... na América. Foi um dos primeiros cursos de medicina experimental. O que é interessante é o seguinte: que o Oswaldo Cruz, como foi o primeiro aluno brasileiro no Instituto Pasteur, e o Pedro II tinha auxiliado financeiramente o Instituto Pasteur, o Oswaldo Cruz fez os cursos no Instituto Pasteur gratuitos. Com brilhantismo, sem dúvida nenhuma, Oswaldo Cruz realmente foi um sujeito extraordinário.

WH – Bom, eu gostaria de voltar um pouco à sua formação. O senhor fez na Escola de Farmácia e fez o curso, estava mais interessado em medicina, mas mesmo assim cursou Farmácia. Como é que foi esse curso, ou seja, qual era o nível do curso em termos de prática de laboratório, a nível de professores, a nível de ensino mesmo?

AP – Da Farmácia?

WH – É, o curso de Farmácia.

AP – O curso de Farmácia era um curso sobretudo prático, porque nós tivemos professor de botânica, de farmacognasia, que era o professor [Theodore] Peckolt, o professor Osvaldo Costa, que eram grandes conhecedores de farmacognasia. Curso de botânica era o professor Noronha, – eu não reputo muito bom não, mas eu estive uma época como responsável num laboratório particular, o laboratório Carlos da Silva Araújo, pela parte de reconhecimento botânico das plantas... de plantas medicinais. Então, nessa época, eu tive a oportunidade de começar a estudar botânica pelo livro do [Conti] Candoli que foi um dos grandes botânicos do mundo na época, anteriormente, mas que era um dos grandes livros de botânica. Me entusiasmei a maneira dele... quer dizer, ali eu realmente comecei a aprender a botânica e me entusiasmei e comecei a fazer cortes de plantas, e ia fazer um grande projeto no laboratório Carlos da Silva Araújo. Por fim, eu entrei pra Manguinhos, eu deixei tudo e vim inteiramente pra Manguinhos. E vim como químico-analista, nós fazíamos análise de medicamento. O que foi extremamente vantajoso pra mim porque eu comecei realmente a trabalhar em química analítica e comecei a trabalhar em química.

WH – Foi aí que o senhor teve o primeiro contato com a química.

AP – Foi aí que eu tive o primeiro contato com o trabalho de química. Naturalmente a química eu tinha mesmo na escola de Farmácia, mas aí eu tive o primeiro contato com a química no laboratório. Comecei a trabalhar no laboratório com a química, me interessei extraordinariamente pela síntese dos compostos orgânicos e pela... e, com o passar dos tempos, nós entramos em contato com outros pesquisadores e um dos pesquisadores mais... que mais me impressionaram foi o professor [Hayti] Moussatché e que trabalhava em farmacologia e que trabalhava com o professor Miguel Osório de Almeida, que foi um grande fisiologista, o introdutor da fisiologia experimental no Brasil. Ele e o seu irmão professor Álvaro Osório, que

eu conheci pouco. O professor Miguel eu ainda conheci um pouco mais daqui do Instituto, mas o...

WH – Quer dizer, o senhor colaborou com o Instituto... com o departamento de fisiologia nessa época?

AP – Aí, nessa época comecei a... isso... mesmo... isso e depois que o professor Aragão deixou de ser o diretor, porque o professor Aragão não me permitia fazer... fazer síntese orgânica ou trabalhar em química. Não me permitia. Não... me proibiu.

WH – Por que ele proibiu?

AP – Eu... suponho que por falta de... por falta de orientação científica. Porque, se eu estava interessado, eu devia trabalhar em química. E é assim que ele tendo deixado de ser diretor e veio como diretor o professor Olympio da Fonseca, que eu reputo um dos grandes diretores do Instituto. Ele fez o primeiro congresso internacional de microbiologia, no Instituto. Ele dividiu o curso, que era... o curso do Instituto era microbiologia e... que era só de microbiologia, ele dividiu esse curso. O curso era um... tava antiquado, não correspondia mais às necessidades do Instituto. O Olympio pôs físico-química, pôs matemática, pôs química orgânica, fez o curso de química-orgânica, aí eu entrei pro curso de química orgânica. Mais tarde fez o curso de bioquímica e eu entrei pro curso de bioquímica.

WH – E esses cursos tinham nível bom?

AP — Um nível... um nível experimental porque a química se aprende no laboratório; não é com o quadro-negro, nem com livro que se aprende, mas se aprende no laboratório, fazendo a química no laboratório. E eu tive... comecei a ter a oportunidade de fazer as coisas que eu pretendia fazer, fazer síntese orgânica. Então...

WH – É interessante o Olympio da Fonseca ter montado esses cursos de química e bioquímica, porque, ao mesmo tempo ele declara em vários livros dele, que não houve em Manguinhos um setor de química importante, inclusive ele não chegou a se desenvolver porque, segundo Olympio da Fonseca, não haveria químicos formados competentes. O que o senhor acha disso?

AP – Não. Eu não concordo com isso não porque o professor Carlos Chagas, isso me foi contado pelo professor Paulo Carneiro, o professor Carlos Chagas foi... convidou o professor Paulo Carneiro para vir para cá pro Instituto. Ele tinha feito um curso de engenharia química na escola de Engenharia, era muito... um dos químicos mais importantes. Ele ensinava no Instituto de Tecnologia e ele diz que convidou o professor... professor Paulo Carneiro pra vir pra cá. Inclusive, uma outra coisa que eu soube depois, existia aqui no Instituto um Centro Internacional de Leprologia, da qual o professor Carlos Chagas era o presidente desse... desse Centro, e ele convidou o professor Paulo Carneiro pra vir pra cá. De modo que... naturalmente, a química no Instituto não foi muito... não foi muito feliz, na época, não foi, realmente, porque era preciso que a gente seguisse as normas do Instituto Pasteur. Enquanto no Instituto Pasteur Trefouel, tinha Fournot, que foi dos maiores químicos do... do século 19, início do século 20, nós não tínhamos aqui... noutros setores não, o professor... o Dr. Oswaldo Cruz convidou os maiores... convidou inclusive químicos pra virem pra cá. Mas ficou a parte exclusi... mais de

microbiologia, de zoologia, onde houve realmente uma escola importante.

WH – Quer dizer que o senhor concorda com a colocação do Olympio de que não houve uma química aqui no Instituto?

AP – Concordo, sim... Concordo. Agora, eles se esqueceram de dizer que... eu acho que eu merecia... porque quando eu comecei a fazer a síntese orgânica, o que eu contribuí com o professor Moussatché e contribuí não foi só com o professor Moussatché, o professor Paulo... Paulo Carvalho, que fez concurso de farmacologia pra escola de Medicina, fez com substância sintetizada por mim, aqui no Instituto. E eu comecei realmente a fazer síntese no Instituto. O professor Botafogo fez alguma coisa também, mas logo em seguida eu fui para o Instituto de Tecnologia, onde eu encontrei o eminente... um eminente diretor, era o professor Fonseca Costa, que era fundador do... do Conselho Nacional de Pesquisas, que estava sendo fundado naquela época. E por causa disso... ele me encontrou muitas vezes trabalhando até meia noite lá no Instituto de Tecnologia, que era muito mais perto do que aqui do... da minha casa, e ele me permitiu que eu fosse fazer o meu doutoramento em São Paulo. Ou por outra, antes de fazer o meu doutoramento, eu convidei o professor Hauptmann par vir dar um curso de mecanismo de reação, lá no Instituto de Tecnologia e isso foi feito. O curso de mecanismo de reação com a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência foi organizado por mim. E ali encontrei o curso muito bom, continuei a trabalhar lá no Instituto de Tecnologia sobre as formazanas, os mecanismos de formação de formazanas e em seguida o professor Hauptmann me convidou pra fazer um seminário na... lá em São Paulo, sobre mecanismo de formação de formazana.

WH – Isso antes do seu doutoramento?

AP – Antes do meu doutoramento.

WH – Quer dizer que o senhor já tinha contato com o que estava se fazendo em São Paulo...

AP – Já tinha... Bom, a Universidade de São Paulo eu tinha contato... tinha contato não, sabia que a Universidade de São Paulo tinha trazido grandes químicos pra cá. Trouxe o professor [Heinrich] Rheinboldt, o professor [Heinrich] Hauptmann, que foi realmente um bom químico, um bom professor... não concordo com o professor Mathias nesse particular; pode ser que em outros... ele, o professor Mathias foi aluno do professor Hauptmann pode ser que em outros... eu não sei o que ele foi professor antes, mas, professor de química orgânica, ele foi bom.

WH – Mas a crítica que o Dr. Simon Mathias faz ao dr. Hauptmann é basicamente uma crítica ao curso que existia, mas com um aspecto muito tradicional, que era um aspecto muito químico e que não estava bem desenvolvido no aspecto matemático e da física aplicada à química, que seria um aspecto mais moderno da química. O quê que o senhor acha disso?

AP – Eu tenho a impressão que o curso de química era bom sobretudo no aspecto de que era feito [com] os trabalhos práticos. Química se aprende é no laboratório; a química teórica e... naturalmente é importante, mas se há um trabalho prático, como eu vi na Alemanha... a química, sem dúvida, na Alemanha é a melhor do mundo. Pode ser que hoje os americanos estejam... têm também um bom curso, os ingleses também e os franceses também, mas na época a Alemanha era o máximo.

WH – É, mas parece que já pra época, o curso de química na Alemanha, o que estava se fazendo em química na Alemanha, já era muito mais avançado do que o que se fazia aqui no Brasil pelos próprios químicos alemães.

AP – Eu não sei. Eu não sei. Pode ser, mas talvez, também a culpa talvez tenha sido do professor Mathias, que ele foi professor do curso de... ele foi o professor de físico-química.

WH – É, ele foi uma das primeiras... fez parte da primeira turma que se formou no doutoramento de química e depois fez doutorado.

AP – É, exatamente.... Pois é, de maneira que talvez seja ele um dos culpados dessa coisa não... mas enfim, eu não quero entrar nesse assunto.

WH – Porque inclusive parece que muitas... muitos químicos que queriam ter uma orientação mais física e matemática, deixaram de fazer o doutoramento lá.

AP – É exato, é exato, mas eu acho que a química, mormente a química orgânica, ela é sobretudo... o trabalho experimental é decisivo. Só com o trabalho experimental a gente pode chegar a alguma conclusão. E a orientação na Alemanha, que ouvi, era sobretudo experimental. De modo que eu não... não concordo assim com... não sei que cursos que ele... são outros cursos, mas o... eu acho que o professor Hauptmann foi muito eficiente.

WH – O senhor poderia contar um pouco... o senhor chegou a publicar trabalhos junto com o Hauptmann supostamente o senhor deve ter trabalhado muito de perto com ele e conhecido também o doutor Rheinboldt.

AP – Rheinboldt. Rheinboldt.

WH – O senhor poderia contar como foi o trabalho deles aqui, quer dizer, lá em São Paulo, como é que eles desenvolveram toda essa área?

AP – O professor Rheinboldt era o chefe do departamento do... foi o chefe do departamento de Química da Universidade de Bonn, isso porque ele tinha conseguido os óxidos de selênio que eram muito difíceis de ser conseguidos e ele conseguiu. Ele conseguiu e, por causa dessa descoberta, ele foi chamado pra ser o chefe do departamento em... com 26 anos de idade. O pai dele tinha sido ministro da Educação, ele era realmente de uma estirpe muito importante na Alemanha. Agora, como ele se casou com uma mulher de origem judia, então ele teve que deixar...

Fita 1 - Lado B

AP – ... e então, pelo fato de ser judia, eles tiveram que deixar a Alemanha, foi convidado, sobretudo pelos Estados Unidos, mas o grande fundador da Universidade de São Paulo, o governador Sales de Oliveira, Armando Sales de Oliveira, mandou um emissário à Europa pra trazer esse pessoal. Vieram... parece que vieram, veio um grande número de judeus pra cá,

pra... saindo da Alemanha. E naturalmente aqui eles... o Rheinboldt... essa coisa da faculdade de Medicina, isso eu não sei, mas eu já peguei com ele na Alameda Gladi, e o Rheinboldt colaborou no livro do Homboldt Weier, que era um dos químicos, um dos grandes livros de química do mundo, além dos trabalhos publicados também serem republicados... serem expostos no maior tratado de química do mundo que é o do Barstein, é o traba... é o maior tratado de química do mundo, que é o do Barstein, tem praticamente todos os trabalhos do mundo de química do mundo. E esse trabalho naturalmente, os trabalhos do Rheinboldt, do Hauptmann introduziam... eram escritos no Barstein.

WH – Isso foi uma publicação? Era uma publicação?

AP – É uma publicação que continua. Estava em 20 volumes, estava na segunda parte, estava na... agora terceira parte, isso continua. Existe um Instituto Barstein na Alemanha pra continuar esse trabalho. E esses trabalhos são tão importantes que, por exemplo, a China, depois da revolução, pega e reproduz esse trabalho e distribui por um preço irrisório pros químicos na China para eles poderem realmente estudar e fazer química.

WH – E aqui se tem contato com esses trabalhos?

AP – É encontrado, mas... aqui no Instituto tem, agora parou, parou, porque infelizmente o Instituto mudou um pouco de orientação do tempo de Oswaldo Cruz. No tempo do Oswaldo Cruz, eram as ciências biológicas e como a ciência biológica é sobretudo química, eles tinham um... toda a bibliografia química aqui no Instituto, e tem ainda, nós temos os “Anais de Schmifizig” desde 1700 e pouco, onde tem um trabalho de Lavoisier, onde tem trabalhos... nós temos... bom, os trabalhos do Pasteur não... já é agora já, mas os trabalhos de Lavoisier. Nós temos os trabalhos dos maiores químicos do mundo. Estão aqui na nossa biblioteca. Agora parou um pouco. Eu acho que essa orientação é um pouco errada e talvez venha a prejudicar o Instituto por causa disso.

WH – E isso parou quando, esse contato com publicações estrangeiras?

AP – Isso depois... exatamente eu não sei, mas eu acho que depois de revolução, eu acho que depois da Revolução.

WH – E não foi reestruturado?

AP – É, o Instituto mudou extraordinariamente depois da revolução. Sob orientação e estrutura também porque, por exemplo, no tempo de Oswaldo Cruz, o que é extremamente importante, o que o... a função mais importante era o chefe do laboratório, que é ainda no Instituto Pasteur e nos grandes institutos do mundo. Depois, de uma época pra cá, foram feitos departamentos, então é o chefe do departamento que manda, não é... que escolhe, que... eu acho isso absolutamente errado, porque quem faz a ciência é o pesquisador. Então, é o chefe do laboratório é que é a coisa mais importante, não o chefe do departamento; o chefe do departamento é pra coordenar e para possibilitar o sujeito trabalhar, para trabalhar e não... e não... o resto... é... não é a função burocrática e sim a função laboratorial, esse é que é importante. Eu acho que não está certo isso e no meu ponto de vista isso tem que mudar, não pode ficar assim. Não pode. Isso é... é o pesquisador a coisa mais importante no Instituto. Pra

uma função de rotina, aí tem o chefe, essas coisas, mas pra uma função de pesquisa, absolutamente. Isso é assim em todo o mundo. Eu vi, por exemplo, na Alemanha, tive contato e que conheci o prêmio Nobel em Medicina, que era químico, professor... professor Theodor Linnen. Depois que ele tirou o prêmio Nobel fizeram um instituto pra ele. Quer dizer, o pesquisador é que é importante. Não os chefes de... burocrático, não tem sentido isso.

WH – Bom, eu gostaria de voltar para o seu doutoramento. Eu tenho uma série de questões que eu gostaria que o senhor falasse mais, principalmente essa... como é que era estruturado o curso de doutoramento na época, né? Eu sei que era bem em moldes europeus, inclusive havia... cada pesquisador tinha um orientador de tese, o pesquisador escolhia o seu trabalho e era em contato direto com esse orientador que ele desenvolvia a sua pesquisa. Eu gostaria de saber como foi a sua experiência no doutoramento.

AP – Bom. Depois que eu fiz a... o seminário lá em São Paulo, diz o pessoal que gostou, eu fiz sobre o mecanismo de formação de formazana e procurei estudar as coisas mais atuais que era mecanismo de reação, de formação de substâncias. E eu, depois que eles disseram que gostaram do meu seminário, eu propus fazer o meu doutoramento e foi aceito o meu doutoramento. Eu teria que fazer cursos no... o professor Hauptmann me deixou três meses trabalhando no laboratório e o meu entusiasmo, o meu interesse, e eu comprava os livros mais atuais possíveis de química, então, e isso, o meu trabalho no laboratório mostrou, ele chegou à conclusão de que eu não precisava fazer... fazer curso, que podia fazer diretamente a minha tese. Uma grande honra pra mim, sem dúvida nenhuma. E daí eu comecei a fazer a minha tese – mecanismo de formação de formazana. Quando chegou um ano depois, talvez, a coisa não andava, porque eu queria a sub... via a substância, mas não conseguia isolar e comprovar. Bom. E ficou parado algum tempo com a minha insistência em procurar obter substâncias. E... mas, no fim de algum tempo, realmente eu consegui, consegui. Depois de estudar, depois de... realmente consegui. Então, aí o Hauptmann veio muito animado, chamou todo mundo no laboratório, queriam – oh, vem ver o quê que o Perissé consegui! Realmente, aí eu consegui e praticamente eu terminei... Eu trabalhava com uma intensidade incrível, eu chegava às 7 horas no laboratório, morava perto da Alameda Gladis, chegava às 7 horas e saía 10 horas. Isso diariamente, diariamente. De modo que minha intensidade de trabalho, não é, realmente... e animou muito animou muito o pessoal que me achava... que eu deveria ficar lá em São Paulo. E, talvez foi o erro meu; eu achava que a minha vida já não pertencia mais a mim, eu tinha minha esposa e meus dois filhos, então eu tinha que cuidar dessa coisa. O que é errado, porque se eu tivesse ficado talvez a minha vida tivesse sido outra, enfim... não fiquei, me inscrevi pra uma bolsa pra Alemanha, porque o meu objetivo, depois feito o meu doutoramento, era ir pra Alemanha. Eu achava que a Alemanha era o máximo na química. Então, o meu objetivo era ir pra Alemanha. Me inscrevi numa bolsa pra Alemanha, mas nesse ínterim e antes de ir pra Alemanha, eu fui convidado muito honrosamente pelo Edgard Santos, que é o pai do Dr. Roberto Santos, que é agora o nosso Ministro da Saúde, fui convidado pra ir para a Bahia, para fazer a química na Bahia e então, na Bahia, também trabalhei com toda a intensidade e pouco tempo depois foi convidado para vir para a física um rapaz que tinha feito Física nos Estados Unidos, tinha feito mestrado nos Estados Unidos, e veio pra Bahia, era um... Porto Alegre. Ele hoje está no Instituto de Física, no Centro de Pesquisas Físicas.

WH – Quem era?

AP – O Araújo, porque ele foi... ele foi inclusive diretor aí no Centro [Brasileiro] de Pesquisas Físicas, agora antes do Leite Lopes, parece. É... nós íamos fazer um estudo de física e química; eu ia fazer... sintetizar as formazanas e ele ia fazer então estudos de infravermelho das formazanas, lá nos Estados Unidos de modo que ele ia fazer então estudos de infravermelho das formazanas. Então, dessa maneira, eu estava na Bahia, quando saiu a minha bolsa da Alemanha. Era um dos meus objetivos era eu ir pra Alemanha, de modo que houve... apesar de eu me sentir extremamente honrado de ficar na Bahia, mas entre a Bahia e a Alemanha, eu preferi a Alemanha mesmo, e fui pra Alemanha.

WH – O senhor foi pra Alemanha com uma bolsa.

AP – Fui com uma bolsa do governo alemão.

WH – Como é que o senhor conseguiu essa bolsa? Participou de alguma...

AP – Foi inscrição, uma inscrição pessoal nas bolsas do governo alemão.

WH – Não havia apoio institucional para essas bolsas?

AP – Eu não sei lhe informar, mas como eu estava em São Paulo fazendo o meu doutoramento e me foi exigido que eu soubesse alemão. Com algum tempo que eu voltei aqui pro Instituto, depois do meu doutoramento eu ainda estive algum tempo no Instituto; foi uma coisa engraçada a minha volta, como eu voltei para o Instituto.

Era diretor do Instituto o Dr. Xavier, que tinha sido médico da Marinha, não era bom pesquisador, não, nem bom diretor (rindo), mas enfim, ele era o diretor do Instituto. Exigiu que eu viesse pra cá, tinha que voltar, porque senão ele me demitia. Eu com medo que... naquele meu modo de pensar, que a minha... não podia ser demitido, que a minha família tinha que ser amparada, eu então voltei. Voltei. Agora, antes disso, eu ainda fiquei mais um ano em São Paulo o eu tinha cortado ou cancelado a matrícula de meu filho no colégio lá em São Paulo. Meu filho era pintor... era muito pequeno. Ele estava, além do curso normal, grupo escolar, ele estava também no Museu do Arte Moderna lá em São Paulo. Bom. Aí ele teve a oportunidade de fazer um quadro lá, para o colégio, e dar ao diretor. Quando eu cheguei, dizendo ao diretor, que eu tinha cortado, cancelado a matrícula dele, e ele me pergunta – mas o senhor é pai de quem? – sou pai do Ricardo Perissé – Do Ricardo? Oh! isso não há ninguém que não queira o Ricardo, ele é o primeirão daqui do colégio. Então o senhor pode trazer o Ricardo pra cá que ele será muito bem aceito aqui. E eu não levei só o Ricardo não, levei o Ricardo, o Rogério, o meu último filho, e uma outra menina que estava conosco, e assim nós passamos mais um ano em São Paulo. A minha vida em São Paulo, realmente, foi a coisa mais maravilhosa... o tempo melhor que eu passei na minha vida foi em São Paulo, pra fazer o meu doutoramento. Que eu trabalhava com toda intensidade e tinha as melhores amizades lá em São Paulo. Eu tenho até uma recordação ainda da época com que eu deixei São Paulo, que realmente eu fico...

WH – O senhor podia citar nome de pessoas que trabalharam com o senhor e o tipo de relacionamento que o senhor tinha com essas pessoas em termos de trabalho e em termos afetivos?

AP – Eram todos os departamentos de química. Eram todos. A professora Bianca que ficou

inicialmente responsável pelo meu trabalho no laboratório; o professor T alento que é um dos melhores químicos, talvez o melhor químico do Brasil, ele já recebeu inclusive o prêmio Moinho Santista, pelos seus trabalhos de química, que eu reputo um dos grandes... grande químico no mundo, professor T alento. O professor Moura Campos, também muito bom, mas atualmente ele está aposentado. O professor Wolfgang que foi meu colega de laboratório de doutoramento, ele está lá no Instituto de Química do ITA; o professor Tchekin in, que foi... foi reitor da universidade lá do ITA. Tem o pessoal da físico-química com quem eu procurei fazer trabalho em colaborações. O professor Senise, que é dos melhores professores de química analítica, conhecido internacionalmente. Enfim, o meu relacionamento em São Paulo foi maravilhoso. Maravilhoso, sem dúvida.

WH – Porque uma coisa interessante é que com a fundação do Instituto da Universidade de São Paulo, se funda uma das principais universidades do Brasil na época, né...

AP – Era a principal ou talvez, eu acredito que seja ainda, a principal.

WH – Então, eu gostaria de perguntar pro senhor, comparativamente na área de química com o Rio de Janeiro, como o senhor vê assim esse contexto a química no Rio e a química em São Paulo?

AP – Eu acho que não tem termo de comparação. Não tem termo de comparação a química em São Paulo e a química no Rio. A química em São Paulo foi sempre uma química experimental, no Rio, pouco se fez em experimentação, e acredito que ainda... Não sei, eu não tenho muito contato com o pessoal da química aqui não, mas a química em São Paulo foi realmente de mais alto nível. É o melhor... melhor local pra... pra ter prestígio internacionalmente. Quando a gente fala que é da Universidade de São Paulo, é outra coisa, todo mundo aceita, todo mundo recebe. A química, por exemplo, na Argentina também foi muito boa. Talvez melhor ou tão boa quanto a de São Paulo.

WH – Tem outra questão também, quer dizer, a química em São Paulo foi montada com uma estrutura alemã do ensino de química...

AP – Exatamente.

WH – Mas uma coisa comum nas universidades e nos institutos alemães era uma relação institucional com as indústrias de farmacêutica ou de produção de produtos químicos. A relação se dava institucionalmente, uma coisa que, acredito, não tenha acontecido no Brasil. O senhor pode explicar por que isso?

AP – Eu não posso explicar muito bem porque, mas eu atribuo é que no Brasil não tinha indústria, a indústria química, a indústria era mais de... recebia as matérias primas e aqui apenas fazia as coisas. A indústria farmacêutica e a indústria química também, acho eu. Hoje está realmente muito melhor, porque tem a Petroquímica que força o pessoal a utilizar a matéria prima. Não só na indústria farmacêutica, como também em outras indústrias, indústria de plástico, realmente, porque eu não tenho muito contato com a indústria, mas eu tenho a impressão que melhorou extraordinariamente. Na parte de farmácia, por exemplo, teve aqui um grande professor que deixou um livro sobre química farmacêutica, que era o professor

Quintino Mingoia que era da Universidade de Pávia, que veio pra cá para fazer a química farmacêutica na Universidade de São Paulo. Parece-me que deixou bons alunos, um deles foi até meu colega também, foi na minha... na época do meu doutoramento, que foi o professor Paulo de Carvalho. Paulo de Carvalho é da Farmácia de... era muito... era um excelente químico. Infelizmente morreu muito jovem.

WH – Porque um dos motivos também atribuídos a essa falta de relacionamento entre a universidade e as indústrias no Brasil pode ser a instalação de multinacionais, por exemplo, no caso das multinacionais do medicamento que já tinha os seus laboratórios na sede, não é? No país de origem, e já vinham aqui com a tecnologia toda trazida de fora e não desenvolviam novas práticas aqui no Brasil. Como isso influencia na química do Brasil?

AP – Naturalmente isso tem influência decisiva porque se falta pesquisa química, então a química não fica... quer dizer, há deficiência na química brasileira, por causa disso, porque só com o desenvolvimento da pesquisa, da pesquisa científica, é que pode se desenvolver alguma ciência. Foi assim que o professor Miguel Osório, quando veio pra cá e que foi um dos primeiros introdutores da fisiologia experimental no Brasil, ele pode fazer... ele pode fazer no... uns no Instituto Oswaldo Cruz, e outros em São Paulo, também. De modo que... agora, como a indústria farmacêutica é uma indústria ainda sem desenvolvimento da parte da... da síntese orgânica, sobretudo, então há deficiência na... E isso a gente precisava estudar pra saber nos Estados Unidos como eles conseguiram transformar as escolas em escolas realmente de alto... do mais alto nível, sem dúvida nenhuma, os químicos hoje que tiram o prêmio Nobel são... são a maioria americanos ou russos ou franceses ou alemães ou ingleses. Então, a gente tinha é que saber como eles conseguiram essa qualidade, como eles conseguiram isso, porque a indústria, inicialmente, era alemã; alemã e inglesa. Entretanto, quando se transferiram pros Estados Unidos, eles conseguiram fazer uma indústria e uma ciência americana. Desenvolver a química na... ciência americana eu acho... ciência é uma só, mas desenvolver a química nos Estados Unidos. Eu não acho... o que eu vi, por exemplo na Alemanha, não é o fato do sujeito fazer cursos e cursos... não é curso que vai... mas sim, se o sujeito faz a prática no laboratório e é obrigado a discutir as coisas que tem que fazer e tudo, assim ele é obrigado a aprender. Por exemplo, aqui, quando eu estava no Instituto, eu comecei a fazer dosagem com ácidos cilicotunos, dosagem de medicamentos, com ácidos cilicotunos e por causa disso, eu comecei a estudar, estudar e descobri que eles tinham uns hetero... uns poli... uns heteropoliácidos que são os ácidos cilicotunos, fosfofunos etc. e isso eu sintetizei o ácido eu fiz uma porção de coisa que eu, afinal de contas, não publiquei essa coisa.

WH – E essas pesquisas que o senhor fazia aqui no Instituto, elas tinham alguma relação com a área de produção daqui?

AP – Não, não, com a área de produção...

WH – Elas se mantinham em termos de avanço tecnológico para a área produtiva interna do Instituto?

AP – Não, não, como produção daqui não. Ela... eu tinha contato com o professor Haitly Moussatché. Foi realmente quem mais... quem me entusiasmou realmente e que me viu, além de ver o meu interesse, ele achava que eu realmente era capaz de fazer química. Isso foi muito

importante pra mim. Foi um entusiasta meu pra... pra... e que indicou a minha... foi um dos indicadores pra minha ida pra Alemanha. Na Alemanha eu vi então o quê que era a química. A química é, sobretudo, no laboratório. Naturalmente o sujeito tem que estudar teoricamente, claro, mas não é... o que é importante é a química feita no laboratório, essa é que é... Agora, uma coisa que eu devo dizer, é com relação à lepra em 1952 em que existia... a lepra, ou por outra, sulfona foi considerada o maior... a maior conquista da medicina na época porque se admitia que iria acabar com a lepra no mundo com a sulfona e isso teve influência, por exemplo, no Brasil; os leprosos eram proibidos de votar os leprosos ficaram... ficavam confinados nos leprosários, praticamente não tinham, não podiam ter contato com ninguém, então, no Brasil.

Fita 2 – Lado A

AP – ... A sulfona foi admitida que extinguiria a lepra no mundo. Então, por causa disso, o governo brasileiro doou ao Instituto Butantã, um milhão de dólares na época pra que fosse feita industrialmente a sulfona. Isso foi feito com o professor Rhimboldt e com outros químicos do mais alto gabarito lá em... químicos e médicos do mais alto gabarito que foi feito lá no Instituto Butantã. Muito bem. Então, eles estudaram a melhor maneira, a mais barata, a mais eficiente de se fazer a sulfona. Foi instalada uma pequena indústria lá no Instituto Butantã. Mas, depois se verificou que a sulfona (rindo) não curava e... não é uma blague, porque a coisa da sulfona foi feita seriamente, foi, inicialmente foi verificado no laboratório que a sulfona era mais eficiente que a sulfamida, no caso pra... “in vitro”, depois foi começado, em 1943 nos Estados Unidos foi começado a empregar a sulfona... enfim, em humanos. Muito bem. Agora, então, se chegou à conclusão que a sulfona iria acabar com a lepra no mundo, mas já em 1960, no meio de 1960, se verificou que havia recidiva e que o bacilo ficava resistente à sulfona. Foi um desapontamento geral. E ficou realmente provado que não cura. O sujeito era preciso de tomar a vida inteira a sulfona pra manter... e outros medicamentos. Agora, depois de eu estudar outras coisas, eu vim estudar a lepra, agora, fazer a química e a bioquímica da lepra, em que fui auxiliado, fui apresentado à Organização Mundial de Saúde pelo eminente professor... foi diretor da escola de Saúde Pública, agora... em 1983, o professor... foi diretor da Escola de Saúde Pública...

WH – Ernani Braga?

AP — Professor Ernani Braga. Ele tinha trabalhado lá em Genebra durante 10 ou 15 anos, me parece, foi diretor de uma divisão lá na... e foi ele que me apresentou à Organização Mundial de Saúde. E, enquanto aqui no Brasil eu tinha apresentado um programa à CEME, em que eles disseram: “Não, a lepra não era mais problema”; a Organização Mundial de Saúde me respondeu: “Não, ficamos satisfeitos”. (tem a carta aí) ficamos satisfeitos que o Dr. Augusto Perissé esteja interessado pela lepra que é de capital importância para o mundo”. De maneira que isso me incentivou muito a continuar os meus trabalhos, que eu me propus a fazer, que seria a revisão de... Por que? Porque eu voltei para o Instituto depois da anistia. Antes eu tinha... talvez seja melhor eu contar os lugres onde eu estive, não é? (INTERRUPÇÃO DA FITA) uma coisa que preciso ressaltar é o seguinte: como eu fui levado a trabalhar em lepra? Eu conheci o Dr. Cândido Silva que, na minha opinião, era um dos melhores pesquisadores de lepra, pesquisadores realmente, cientista de alto valor, na minha opinião, sobre lepra, Dr. Cândido

Silva. O Dr. Cândido Silva foi o homem que, antes da cassação, me perguntou se eu queria trabalhar em lepra. Eu disse: “Dr. Cândido, eu nunca tive ideia de fazer isso.” E ele me relatou uns trabalhos que estavam sendo descobertos, na época, muito interessantes, que estavam sendo feitos na Índia, por um sujeito chamado... por um químico chamado Prabakaran, que tinha feito descoberta realmente sensacional e que o bacilo da lepra oxidava... a dopa oxidava especificamente o bacilo da lepra, dioxifenilamina, passava... era oxidada a quinona pelo bacilo da lepra, especificamente. Ora, isso era uma coisa sensacional e por causa disso nós... eu fiz planos com ele, em 1969, fiz um plano com ele e íamos... apresentamos ao Conselho Nacional de Pesquisas e já tinha sido aprovado; e eu ia começar a trabalhar com ele, eu na parte química e ele na parte biológica, na parte médica da lepra. Mas infelizmente veio a cassação e eu tive que parar. Fui pra Paris...

WH – Quer dizer, ao mesmo tempo que o senhor desenvolvia os seus trabalhos em Manguinhos, o senhor estava ligado, por exemplo, ao desenvolvimento da pesquisa da lepra?

AP – Não. Foi só esse primeiro contato que eu tive com a lepra, mas depois que eu voltei pra Manguinhos, eu tinha estado na África, tinha estado em Moçambique, onde a fauna de Moçambique é uma coisa extraordinária e a microfauna de própadas é uma coisa extraordinária, onde eu trabalhei lá em... sobre a química dos... dos liprópadas. Bom, mas chegando aqui, eu trabalhei um pouco aqui, mas depois me foi dito pelo... que era diretor daqui do Instituto do INCQS, o meu amigo Peixoto, que aquilo não era... não estava bem de acordo com as necessidades do Instituto e de... e eu tinha a bolsa do Conselho, tive o apoio absoluto do Conselho, do Conselho de Pesquisas e por causa disso eu acabei me transferindo, tentando fazer uma coisa que eu tinha começado com o Dr. Cândido Silva, trabalhar sobre lepra, mas o professor Ernani Braga tinha acabado de falecer; o professor Dr. Cândido Silva tinha falecido, então eu tinha que tocar aquilo sozinho. Pra tocar sozinho eu imaginei, eu não tenho credenciais pra trabalhar em lepra, eu não sou... eu não sou médico. Para que eu me credencie é necessário então eu demonstre ao mundo que eu conheço alguma coisa da lepra. Então, a única coisa que eu me propus fazer foi uma revisão sobre a química e a bioquímica da lepra. Revisão sobre bioquímica já tinha sido feita pelo professor Villela que trabalhou aqui no Instituto, isso em 1938, agora, sobre a química e bioquímica era a primeira vez que ia se fazer, e eu então me propus a fazer.

E, naturalmente, eu tinha que trabalhar dia e noite a esse respeito e, nesse particular, eu fui auxiliado pelo... pelo meu amigo Peixoto, que era o diretor daqui, que me permitiu tirar xerox dos trabalhos e com esses xerox eu comecei a trabalhar. Depois também, agora, eu continuo a poder tirar os xerox, mas eu fiquei sem o laboratório. E eu acredito que uma vez publicado isso no Instituto e internacionalmente, aí eu terei laboratório. Por isso é que eu estou aqui nesta sala, sem laboratório, mas a minha pretensão é essa, ter laboratório, eu não preciso pedir, eu preciso demonstrar que eu sou capaz de fazer as coisas. Eu preciso demonstrar que eu conheço a parte de lepra e que sou capaz de contribuir realmente, cientificamente pra lepra. Porque, na minha opinião, só os parâmetros químicos serão capazes de resolver o problema de lepra.

WH – E como fica a sua situação aqui sem laboratório? Porque o senhor acabou de dizer que a química é basicamente experimental, que ela se faz em laboratório, mas o senhor está aqui já há vários anos sem laboratório. Como é que é isso?

AP – Exatamente. Eu sem laboratório não posso fazer experimentação, mas como eu preciso

demonstrar ao mundo e ao Brasil que eu conheço essa parte e que sou capaz de desenvolver a química e a bioquímica da lepra, eu não sou médico e nem quero fazer a parte de medicina, que isso eu farei em colaboração com um médico, com um microbiologista e eu. Naturalmente, mais gente, pra poder fazer, porque eu não posso fazer todos os trabalhos experimentais, ao me... eu só tenho dois braços e 24 horas por dia. De modo que tem que ter gente no laboratório pra gente tocar com eles. Eu tenho certeza que eu vou contribuir pra lepra.

WH – E quais são os problemas que significaram, no sentido, por que é que o senhor até agora está com problema para conseguir o seu laboratório?

AP – Naturalmente, eu não contei ainda como eu vim para o Instituto. Eu vou contar como eu vim para o Instituto. Depois da cassação, eu estive em Paris durante cinco anos trabalhando no *Institut de Chimie des Substances Naturelles, do Centre National de la Recherche Scientifique em Sif-sur-Yvette*, com o professor ou melhor a convite do professor Mester, professor Mester que esteve aqui no Instituto, a meu convite, pago pelo Conselho Nacional de Pesquisas. Ele esteve aqui dois meses no meu laboratório, aqui no Instituto; eu tinha laboratório. Eu ganhei... consegui laboratório depois que eu fiz o meu doutoramento e que voltei da França para o Instituto, então eu consegui um laboratório. E eu trabalhei em pesquisa de diprópada. Inicialmente eu trabalhei no mecanismo de reação de formazana, mas os meus assistentes me pressionaram dizendo que era necessário que eu trabalhasse em bioquímica e, além disso, o professor Linnen, não tinha ainda tirado o prêmio Nobel, que esteve aqui no Instituto, me disse: “Mas Perissé, porque você não trabalha em produtos naturais, coisa que tem com fartura aqui no Brasil? Aqui tem um manancial inesgotável de produtos naturais no Brasil”. Então, por causa disso eu comecei a trabalhar em diprópoda. E começamos a fazer, eu comecei a sintetizar quinonas e outras coisas no meu laboratório, fazer cromatografia de papel, fazer outros tipos de cromatografia, fazer...

WH – Quem mais colaborou nesses trabalhos? Quais foram os outros cientistas que colaboraram nesse trabalho?

AP – Ah, eu tinha assistentes. O Clemente Sales, Eumar de Loureiro e um rapaz que agora está na... lá na FINEP, que é consultor da FINEP, o Genival Pereira Leite, que foram meus assistentes aqui. Além de outros, mas esses foram realmente efetivos durante algum tempo, mas depois da cassação eu perdi tudo isso, naturalmente, eu fui impedido... fomos impedidos de entrar aqui no Instituto.

WH – Inclusive os seus assistentes?

AP – Não. Meus assistentes não, mas aí ficaram sem orientação, eles tiveram que mudar de em... procuraram outros empregos. O Genival esteve na Marinha, depois... e fazendo um trabalho muitíssimo importante em química, e por fim agora ele está como consultor lá na FINEP. O Eumar era professor, acho que (INAUDÍVEL), o Clemente foi... saiu daqui e foi trabalhar, ele agora, ele era farmacêutico, então ele ficou como farmacêutico de outras organizações. De modo que isso que aconteceu, foi destruído o que eu comecei a fazer.

WH – Bom, o senhor contava sobre o seu laboratório, suas pesquisas...

AP – Bom. Depois eu comecei a trabalhar em diprópodas. Muito bem. Eu estava em Paris quando eu comecei. Aí, em indo... depois da cassação, eu indo pra Paris, eu trabalhei no assunto do professor Mester, que era coagulação sanguínea, fiz alguma coisa de química de coagulação sanguínea, mas isso era assunto dele. Muito Bem. Depois de quatro anos, como... praticamente quase cinco anos, como eu era de origem francesa, eles exigiram a minha naturalização dizendo que eu era francês, que eu me naturalizasse, que aí ficaria na França, estava tudo acabado. Cheguei a ser diretor de pesquisa durante um mês, como está aí no meu currículo, pra mostrar que eu poderia ficar numa situação privilegiada, numa situação... diretor de pesquisa significa chefe de laboratório com assistentes, com subvenção do governo para contratar e para trabalhar com... no laboratório, ser chefe de um laboratório. É isso que significa diretor de pesquisa. Mas... eu não aceitei a minha naturalização. Não... Era extremamente honroso pra mim, porque muita gente queria ser... tinha vontade de ser francês e eles são extremamente exigentes em relação a isso. E, entretanto, eu estava sendo forçado a... muito honroso pra mim, mas eu não aceitei porque eu achei que naquelas condições em que eu estava, eu devia ao povo brasileiro alguma coisa, porque eu tinha feito todos os cursos gratuitamente, tudo isso, então eu devia ao povo brasileiro, isso foi devido ao povo brasileiro, Então ele exigia que eu viesse para o Brasil pra trabalhar com... Bom. Não me naturalizei. Minha esposa também queria ficar na França; se deu extremamente bem na França, mas eu não me naturalizei e por causa disso... eu podia ficar, mas numa situação muito defi... não muito boa, não podia ficar como chefe de laboratório, podia ficar como auxiliar ou qualquer coisa. Enfim, nessas condições eu procurei outros lugares. Encontrei um lugar no México, encontrei um lugar em Portugal e eu escrevi pro presidente do Moçambique que eu estava em Paris e que tinha vontade de ir pra Moçambique. E ele topou e por causa disso então... eu tinha uma vontade incrível de conhecer a África e por causa disso então eu fui pra África, mas só que aconteceu o seguinte: que eu não podia levar a minha esposa. Minha esposa era cardíaca, estava doente e a África, na época, estava cheia de doenças e eu tinha muito receio de que ela... se ela morresse, depois o pessoal dissesse que eu... eu é que fui culpado dessa coisa. Então não a levei pra África. Fiquei lá dois anos, e nesses dois anos eu vim algumas vezes ao Brasil, matava um pouco da saudade que eu tinha da minha família, da minha mulher, tudo isso e voltava pra... voltei pra África, mas depois de dois anos eu podia cortar o contrato e nessas condições ela (a esposa) piorou extraordinariamente, no fim desses dois anos e eu preferi então vir para o Brasil, mas perdurava ainda a cassação. Eu não podia trabalhar, mas logo em 1981 não foi?

WH – 79. Anistia, no final de 79...

AP – 79 que veio a anistia. Aí eu tinha no Conselho o meu eminente amigo, extraordinário amigo que era o professor Frota Moreira, realmente “hors concurs”, o professor Frota Moreira e eu falei com ele e ele me incentivou a pedir a bolsa. Eu apresentei então todos os meus documentos, o meu doutoramento, o meu... que eu tinha sido diretor de pesquisa, que tinha professor catedrático na África e isso contribuiu muito para que o Conselho me desse a melhor, quer dizer, a bolsa do mais alto nível, onde eu permaneço até hoje. E o professor Frota Moreira me perguntou: “Perissé, você não precisa ir pro câncer”, onde eu tinha... onde eu tinha... onde eu tinha pedido a bolsa; “Você pode ir pra outro lugar qualquer. Você gostaria de ir pra Manguinhos?”, eu disse: “Oh Frota, gostar eu gostaria”, por que? “Porque tem a melhor biblioteca do Rio de Janeiro, tem boa gente, eu acho que eu poderia trabalhar em Manguinhos.”

WH – O senhor já estava com o projeto da bioquímica da lepra?

AP – Não, não, não... Eu vinha pra continuar o trabalho que eu tinha começado na África, que aqui o Brasil tem também tem muito, tinha muito diprópoda; que eu tinha feito antes da cassação também. E então ele virou-se pra mim e disse... eu disse pra ele – “Oh Frota, eu... pedir, eu não peço. E se eu pedir?” – Se você pedir e eles me aceitarem eu vou sim, com... de bom grado, eu vou”. Por causa... por essas razões, por causa da biblioteca e porque tinha gente boa. Eu me lembrava que eu comecei a trabalhar em colaboração com outros pesquisadores do Instituto, antes da cassação. O professor Barth, o professor Moussatché, o professor Barth, o professor Ubatuba e outros que eram muito bons, sem dúvida. E então, eu voltei pro Instituto. O professor Frota Moreira pediu ao professor Coura uma entrevista. Foi marcada essa entrevista, eu vim. E o... as coisas tinham mudado muito no Instituto. Não valia mais o pesquisador, o que valia agora é que eu tinha que eu tinha que ir pra uma divisão qualquer. Me estranhei... me estranhou muito, eu fiquei muito... triste por causa disso, quer dizer, o que valia não era o pesquisador, era uma divisão qualquer. Vi que a coisa tinha mudado inteiramente. Bom. Ele me falou que eu poderia procurar o [Carlos] Morel ou o Pedro Jurberg. Não fui recebido muito bem nem por um, nem por outro. Bom. E nesse... pouco tempo depois, tinha vindo pra cá o meu amigo Peixoto, que ia ser o diretor do INCQS, que foi fundado praticamente por ele. De modo que ele me chamou com insistência pra que eu ficasse aqui, mas aí houve um empecilho, é que o SNI não deixava... não me deixava contratar, nem outras coisas. Foi verdade isso, porque estive... tinha aqui um coronel do SNI, não sei se ainda está aí, nas que eu vi quando o Peixoto chamou e que disse... não vi a discussão que ele teve com o homem, mas eu vi que ele... realmente ele veio aqui pra... e nem... e me tratava assim com muito... com... pouca deferência. Enfim, o Peixoto me deu um laboratório, eu ainda fiz algum trabalho sobre diprópoda, fiz a revisão sobre diprópoda com o incentivo dele, mas logo eu seguida veio essa coisa, que eu não poderia trabalhar em diprópoda. Foi quando eu me lembrei então em trabalhar na química e bioquímica da lepra, mas como o meu amigo, o professor, diretor da Escola de Saúde Pública, o professor Ernani Braga tinha falecido, o professor Cândido Silva também tinha falecido, então foi isso que me levou a trabalhar na... fazer essa revisão que até hoje eu estou fazendo, a revisão da lepra. O professor Coura, no... na última... no último... meu último pedido de revi... de nova bolsa para o Conselho, ele me respondeu que não me daria laboratório. Nessa agora ele respondeu, porque antes ele vinha dizendo que ia me dar laboratório e coisa, agora, nesse último pedido ele respondeu ao Conselho que não me daria laboratório.

WH – E quais foram as razões alegadas? Quais foram as razões alegadas para essa negação?

AP – Não sei. Ele disse que não dava porque o laboratório... não havia laboratório isolado... enfim. Foram essas razões que ele... ele escreveu e que assim ele não me daria laboratório, mas apesar de tudo isso, o Conselho de Pesquisas me manteve a bolsa, no mais alto nível, e me incentivando pra fazer a revisão da química e bioquímica da lepra e com isso... nesses últimos anos é o que eu tenho feito, trabalhando com toda a intensidade e que quero... e que quero... e eu agora acho que eu estou quase certo... só fazendo a experimentação, mas estou quase certo que eu vou realmente contribuir pra solucionar o problema da... não é solucionar o problema, mas contribuir pra solucionar. A minha contribuição, eu tenho a impressão que pode ser eficiente e efetiva. Porque eu acho que só com a química e a bioquímica nós seremos capazes de resolver o problema, da lepra. Isso por que? Porque a lepra, depois da descoberta da sulfona, e desse desapontamento geral de que a sulfona não cura, então a lepra ficou num está... não... parou, não... não... mas eu acho que com a química e a bioquímica gente pode contribuir. E é

assim que o meu amigo, o professor Mester, descobriu uma substância, a dexofluxcerotomina que está dando resultado na lepra. Ele descobriu com o estudo da... estudando o sangue dos leprosos, estudando a coagulação sanguínea de leproso, ele conseguiu descobrir essa substância que está dando resultado. E o que nós queremos agora, estou acabando de fazer a espectrometria de massa, com essa moça aí, e que se der resultado nós vamos contribuir na parte de... vamos fazer, sintetizar esse produto e que será realmente uma contribuição efetiva. Além dos outros estudos que estão por ser feitos, que ninguém faz porque em geral a química era só pra...

Fita 2 – Lado B

AP - ... descoberta de medicamentos. Esse medicamento acabou de ser descoberto há dois anos passados é uma coisa muitíssimo interessante, é um problema... é um problema realmente para... o bacilo da lepra não se cultiva nunca!... foi descoberto desde 1884 pelo Hansen, ninguém conseguiu cultivar, nem se consegue cultivar e eu acredito que não se conseguirá cultivar. Só foi cultivado numa pata de camundongo pelo Dr. Sheppard, nos Estados Unidos em 1960. Em 1971, uma grande bióloga injetou no tatu e conseguiu cultivar o bacilo da lepra. Quer dizer, só em vivo, e não “in vitro”, em meio de cultura, não se consegue cultivar. Na minha opinião, e que está se chegando a essa conclusão agora, é que o bacilo da lepra é um... ou que a lepra é resultado de uma associação de bacilos, então não se conseguirá cultivar o bacilo. Não interessa “in vitro”, não se conseguirá, mas se conseguirá in vivo, como no caso do tatu que já se tira de 10 gramas de tecido do fígado, se consegue tirar meio grama do bacilo. Então, com esse meio grama, a gente pode fazer o estudo que se quiser sobre o bacilo. E que já tem sido feito com a espectrometria de massa, a pirólise espectrometria de massa já tem se começado a fazer grandes trabalhos sobre o bacilo da lepra. Foi a primeira vez assim que o professor [Jacinto] Convit, notável leprólogo, diretor de um laboratório na Venezuela, ele conseguiu pela primeira vez, ele e um pesquisador francês conseguiram provar a existência do bacilo da lepra... não é do bacilo da lepra, a existência dos ácidos micólicos, enfim, de substâncias que o bacilo produz e conseqüentemente o bacilo da lepra foi pela primeira vez no mundo, foi realmente evidenciado dessa maneira. Isso sob o ponto de vista científico. A existência aplicada aí seria mais procura de medicamento, que eu acho que é urna coisa, uma procura aleatória e que é difícilíssimo da gente encontrar e se foi, foi encontrado por acaso. É assim por exemplo que a indústria de corantes na Alemanha, a descoberta de sais de diazone em 1854; o Peter Gries, um químico, um jovem químico que trabalhava na Alemanha na sua tese de doutoramento. E assim, dessa maneira, trabalhando na sua tese de doutoramento, ele foi aconselhado a fazer, a preparar fenóis com a reação do ácido nitroso com amina, era conhecido, feito a quente. Feito a frio, ele conseguiu isolar uma substância, uma substância realmente bonita que era o sal diazônio, que na época era desconhecido, e ele conseguiu provar a estrutura da substância, conseguiu provar que na molécula tinha dois nitrogênios e que ele chamou diazônio. Ele descobriu... tinha descoberto então a reação de diazotação que era comum a todas as aminas primárias. Muito bem. Em seguida, ele conseguiu uma reação de copulação com outras aminas, o sal diazônio com outras aminas. Então ele acaba de descobrir dos azos derivados, a reação de corantes artificiais. Aqueles corantes que antes só eram corantes naturais, agora eram corantes artificiais e que as cores que ele podia obter eram todas as cores agora e que transformou a Alemanha e a indústria alemã na maior indústria. Isso foi

em 1854 e que a indústria veio se desenvolvendo e que no início do século 20 era a maior indústria de corante do mundo. E essa indústria doava aos centros médicos, aos grandes centros médicos da Alemanha, e do mundo, doava a substância pra experimentação em biologia. E foi assim que com essa indústria tiraram o prêmio Nobel em Medicina o grande professor Paul Ehrlich em 1908. Tirou o prêmio Nobel de Medicina em 1939 o professor Domagui, que com o corante sulfamídico e que ele conseguiu, na época, curar um fleimão da sua própria filha, que tinha furado o dedo com uma agulha de costura, fez um fleimão e ele conseguiu curar com o produto dele que era o prontosil. Muito bem.

No Instituto Pasteur, trabalhava no Instituto Pasteur o grande químico Fournot e outros químicos de importância mundial, era o Trefouel e ele e a mulher, e trabalhava com ele o professor Nietsch, o professor Boguet, depois tiraram o prêmio Nobel também. Pois bem. Então... com esses corantes tiraram o prêmio Nobel, professor Elis que trabalhou sobretudo sobre... com esses corantes trabalhou em imunologia, por causa desse trabalho ele tirou o prêmio Nobel; o professor Domagi que com o corante do prontosil, ele tirou o prêmio Nobel e mais tarde, no Instituto Pasteur, o professor Fournot, o professor Trefouel verificaram que a importância do azo derivado do prontosil era devido à sulfamida. E assim foi uma era da medicina que foi a era da sulfamida.

WH – Quer dizer que o senhor vê como a parte mais aplicada da química essa que está ligada à indústria e principalmente indústria de medicamentos?

AP – Não, não. Eu não vejo a indústria de medicamentos. O que eu pretendo fazer é exclusivamente da parte científica da lepra, quer dizer, a química da lepra que é importante. Por que que a química da lepra? É estudar, é saber porque que a lepra produz essas... demolições verdadeiras que... porque na lepra existem dois pólos: um é a lepra tuberculóide que o sujeito cura... isso está verificado e cada vez mais verificado isso e outro é a lepra lepramatosa que dá as deformações e essas... e estigmatizações as piores possíveis. É por isso que a lepra foi alijada... quer dizer, os leprosos foram alijados da sociedade. E continua ainda. Sem curar, a lepra continua um problema muito sério. No mundo. São 30 milhões de sujeitos que ainda estão... estão ainda com lepra, sem cura. De modo que eu acho... não é o problema de... de dinheiro, eu não estou procurando o... fazer uma coisa... eu quero ver por que razão é que existem essas coisas. Quer dizer, só fazendo ciência.

WH – Bom. Eu gostaria de voltar um pouco aos tempos mais antigos do Instituto, principalmente a década de 40 que é quando o senhor entra e que existem várias análises, uma delas é de Nancy Stepan, uma cientista americana, que diz que o Instituto sofreu durante o governo Vargas, que foi quando ele se subordinou ao Ministério da [Educação e] Saúde, inclusive o Carlos Chagas diz que esse período é o momento de decadência do Instituto. Eu gostaria de saber qual é a sua visão desse momento pelo qual passa o Instituto e a respeito dessas análises sobre esse período.

AP – Eu entrei pro Instituto em 1943. Antes disso, eu não sei. A minha impressão é que a coisa começou a decadência logo depois do Oswaldo Cruz e depois provavelmente do professor Chagas, Carlos Chagas, pai. Porque, a minha impressão... a minha impressão, eu não vivi essa época, mas a minha impressão é que o pessoal começou a desfrutar apenas do nome do Instituto, feito pelo Oswaldo Cruz e o professor Chagas, pai. Então eles tinham laboratórios e consultórios lá fora aproveitando aqui as horas vagas pra fazer, pra trabalhar no Instituto, e essa

a impressão que... a decadência começou no Instituto. Quer dizer, ciência só se faz com tempo absolutamente integral. O quê que significa tempo integral? Significa o sujeito dormir, pensar... absolutamente só pensar em ciência, só trabalhar em ciência e só... bibliografia e tudo isso... enfim, estudar. Não pode fazer ciências em horas vagas. O sujeito ter consultório e ter laboratório, ter isso e vir trabalhar aqui algumas horas. Não pode. De maneira que eu acho que essa coisa que... eu não... não estudei, não li essa parte... mas é minha impressão. Agora, essa entrada, talvez, para o Ministério da Saúde, eu não se... não sei lhe dizer. Eu tinha acabado de entrar para o Instituto, ou não sei analisar essa parte, se foi benéfica ou se foi maléfica ou...

WH – Quer dizer, porque é nesse período, por exemplo, que começam a decair as verbas para o Instituto. Por exemplo, existia na época a verba da Manqueira, que acaba na década de 30, e percebe-se um declínio nos salários de todos os quadros do Fundação.

AP – Eu tenho a impressão que o problema de verba o problema de... naturalmente são importantes, mas não é com verba, não é com... que se faz ciência. Naturalmente a verba é importante pra manter e para possibilitar o desenvolvimento, mas não é só isso que é importante, acho eu, é o homem que vem pra cá. O homem é o fundamental, quer dizer, o pesquisador é que é fundamental, o pesquisador é que é fundamental. Essa decadência houve também no Instituto Pasteur. Só modificou agora há pouco tempo quando o professor [Jacques] Monod, [André] Lwoff e [François] Jacob tiraram o prêmio Nobel em microbiologia. Eles trabalharam... porque o Instituto Pasteur com o Pasteur, o Instituto teve o maior sucesso. O Pasteur, que era químico, fez uma revolução na medicina e conseguiu fazer o Instituto Pasteur com... como uma vitória das suas conquistas científicas. Agora, eu acho naturalmente que é... mas não é só... você pode pagar o que você quiser... não é o dinheiro não, é o homem. O homem. O homem é sobretudo importante. E naturalmente esse homem precisa ter o tempo absolutamente integral na ciência, deixa de ter o tempo integral, ele não...

WH – O senhor entrou no Instituto em 19...

AP – 43.

WH – 43, como analista químico, depois o senhor passa a ser tecnologista e finalmente em 1950 pesquisador daqui do IOC. O que significou essas mudanças no seu nível, o que significou em termos de função, de trabalhos desenvolvidos ou de autonomia de pesquisa?

AP - Naturalmente, nós tínhamos feito concurso, foi o concurso... a prova no DASP e com essa prova nós fomos admitidos... fomos contratados pelo Ministério da [Educação e] Saúde, como químico-analista do... nós trabalhávamos em análise de medicamento. Pouco mais tarde, o professor Aragão deixou de ser diretor, veio o professor Olympio e o professor Olympio que tinha interesse na química, tinha interesse na matemática, tinha interesse na física, tinha interesse, enfim, na ciência, foi ele que fez essa transformação e, por causa disso, ele nos passou a tecnologistas. Mudou o título de químico-analista para tecnologista e assim nós pertencemos aos quadros do Instituto. Depois disso, numa outra mudança, ele nos passou a pesquisadores, todos nós pesquisadores. A minha vontade logicamente depois que eu conheci o Instituto, depois que eu conheci o professor Moussatché e outros pesquisadores, a minha vontade era ser pesquisador, claro. E eu tinha feito o curso de química orgânica com o professor Botafogo, tinha físico-química também no curso...

WH – O senhor fez bioquímica também, né?

AP – Fiz o curso de bioquímica também com o professor Villela e fiz o curso de microscopia eletrônica.

WH – Isso foi uma questão que gerou muita controvérsia aqui dentro do Instituto porque foi na gestão do Olympio que ele comprou o microscópio eletrônico e que inclusive teve muitos cientistas que se opuseram a isso, criticando a grandiosidade dos projetos do Olympio e ao mesmo tempo a manutenção de uma tradição criada por Oswaldo Cruz e o fechamento para um novo direcionamento do Instituto. E o senhor fez esse curso de microscopia eletrônica. Como é que se sentiu?

AP – O professor Olympio queria transformar, queria renovar, queria inovar, fazer inovações aqui no Instituto. O professor Olympio mudou o curso que vinha do Oswaldo Cruz! Então eu não... eu não sou... eu nunca fui favorável essa coisa que se falava contra o Olympio.

WH – É, mas, por exemplo, o microscópio eletrônico hoje não existe mais, ele foi...

AP – Existe!

WH – Existe? É que se perderam várias peças, inclusive...

AP – Ah, bom, esse microscópio, isso foi outra coisa, mas comprou outros! comprou outros e existe ainda. E é fundamental! Pra microbiologia é fundamental a microscopia eletrônica. Eu não sou favorável a essa... ou acho que se fez um exagero extraordinário contra o professor Olympio. Eu acho que ele queria realmente... na minha opinião, ele seria um novo Oswaldo Cruz. Quer dizer, noutro... um continuador do Oswaldo Cruz. Porque não significa tradição ficar como no tempo do Oswaldo Cruz. As coisas mudaram muito. Como nós iríamos ficar no tempo do Oswaldo Cruz? Como nós iríamos ficar no tempo do Carlos Chagas? Não, nós temos é que fazer novas... introduzir novos métodos de trabalho. Não pode, por causa da tradição, ficar na... Eu acho que... na minha opinião, não foi certo. Eu sempre fui favorável ao professor, nesse particular...

WH – O senhor fez o curso de química no IOC e depois passou a ser professor desse mesmo curso...

AP – Professor nesse mesmo curso porque naturalmente eu era o sujeito mais interessado, eu era... enfim, eu comprava livros e... provavelmente eu era... provavelmente eu não sei como é que... mas foi indicação do professor Botafogo pro Dr. Olympio que me nomeou. Logo em seguida eu fui para o Instituto de Tecnologia e depois do Instituto de Tecnologia eu fui pra São Paulo pra fazer o meu doutoramento. De modo que...

WH – Mas o senhor continuou com professor catedrático aqui do Instituto até... 1970.

AP – Ah bom, existia uma lei de que aqueles que atingissem 20 anos e fossem pesquisadores do Instituto e com... com 20 anos, ele passa... houve essa lei de que ele passava a professor

catedrático. E foi por isso que nós passamos a professor catedrático. Eu entrei em 1943, em 1963 eu estava aqui 20 anos depois, então eu requeri o título de professor catedrático. Foi baseado nessa lei que existiu antes, o que acho muito razoável, então, foi por causa disso que eu fui... fiquei com o título de professor catedrático do Instituto Oswaldo Cruz.

WH – E o senhor continuou dando cursos de química?

AP – Não. Aí eu tava fora. Aí eu fui pra Bahia... agora sim, lá eu fiquei como professor realmente. Fiquei como professor adjunto, parece, não é, uma coisa assim. E lá eu procurei dar o curso de química e fazer química orgânica na Bahia. Logo em seguida veio a bolsa da Alemanha e eu fui pra Alemanha. Lá eu trabalhei com... com o professor, o pai dele tinha sido prêmio Nobel, que é o professor Theodoro Wieland, o professor Heinrich Wieland tinha sido prêmio Nobel e que eu trabalhei com o professor Wieland. Logo em seguida, eu tendo recebido a bolsa na Alemanha, e que era doutor, ele me permitiu, tinha me permitido que eu fizesse a minha livre docência lá. Mas eu tinha que pedir uma nova bolsa, porque tinha acabado a minha bolsa na Alemanha, eu tinha que pedir uma nova bolsa e eu pedi ao Conselho e o Conselho disse que só me daria na França, apesar de eu... aí eu fui pra Paris. Trabalhei no Colégio de France. O Colégio de France é o... onde trabalhou o Claude Bernard e o... químicos do mais alto gabarito. Eu tive a honra do trabalhar no Collège de France. Logo em seguida eu voltei para o Brasil onde com a... era aqui diretor o professor Viana Martins e ele me deu um laboratório. Foi aí que eu comecei com o laboratório aqui.

WH – Já que nós falamos em bolsas de estudo. O senhor foi várias vezes bolsista pelo CNPq e diz-se que com a criação do CNPq se conseguiu organizar mais ou menos um projeto político para o campo da ciência e da tecnologia e que, ao mesmo tempo, permitiu-se que a comunidade científica participasse um pouco mais nas decisões a respeito dos rumos da ciência no Brasil. O quê que o senhor acha dessa interpretação e como o senhor vê o papel CNPq para a área científica no Brasil?

AP – Naturalmente eu não participei dessa organização do Conselho Nacional de Pesquisas e nem dele, porque, primeiro que eu estava fazendo o meu doutoramento, de modo que não tinha grande influência, não era como o professor Haity que trabalhava em pesquisa há muitos anos. Eu comecei a trabalhar em pesquisa depois que eu fiz o meu doutoramento. Ou por outra, eu trabalhei em pesquisa quando em 1952... 1950, comecei a fazer os meus trabalhos, planejar os meus trabalhos de pesquisa, de modo que eu não tinha... não tinha essa importância pra poder... mas naturalmente isso foi decisivo. Foi o Conselho de Pesquisas que me permitiu, me possibilitou fazer o meu doutoramento, que me possibilitou ficar mais um ano na Europa, foi o Conselho de Pesquisas. De maneira que isso foi de importância pra mim, e foi de importância capital para mim e é de importância capital para os pesquisadores. E possibilita o sujeito trabalhar no exterior e coisa que eu acho de importância porque não é só ter o contato com grandes pesquisadores, mas ter contato com novas... nova vida, com outros povos, conhecer outros povos. Isso é de importância capital pra mim, pra mim e eu acho que para o Brasil. Por quê? O professor Paulo Carneiro, que era o nosso representante na UNESCO, eu tive oportunidade... que era meu amigo, quer dizer, eu tive oportunidade do falar com ele a respeito da ida ao exterior. Ele esteve na Índia com o Primeiro Ministro Nerhu, na época do Nerhu. E ele perguntou ao Nerhu ele me contou essas coisas, ele perguntou ao Nerhu, mas ministro, “Primeiro Ministro, o senhor manda muita gente pro exterior, muito indiano vai pra

os Estados Unidos, vai para a Europa, enfim, vai para o mundo todo e muitos desses indianos ficam nos locais onde fizeram os seus doutoramentos, os seus trabalhos e o quê que o senhor acha que...” – ele virou-se e disse: “Se 10% dos indianos que nós mandamos, se 10% voltar e começar a trabalhar na Índia, é o suficiente pra transformar a Índia”. E isso é verdade porque a Índia tem prêmio Nobel de física desde 1925. O Brasil ainda discute... como o senhor Rocha Lagoa dizia que o sujeito ia pro exterior pra passear. Não é verdade! Não é verdade. O sujeito deve ir pra trabalhar e deve ter contato com novos povos pra ver a vida, novas condições de vida, pra ele poder vir para o Brasil e poder comparar realmente o quê que acontece no Brasil. Porque foi isso que aconteceu comigo, eu encontrei o meu ideal, a minha coisa. Foi... Quando eu fui pra Pádua, eu fui fazer o ginásio. Acabei o ginásio, eu vim para o Rio. Do Rio eu quis fazer o meu doutoramento em São Paulo, e de São Paulo eu quis ir para a Alemanha pra conhecer a química na Alemanha. Muito bem. E o quê que eu vi na Alemanha? Não existe essa miséria, essa diferença de nível, miséria e grande riqueza. Existe uma estabilidade social que não... e no Brasil nós temos miséria absoluta e grandes riquezas. Isso é uma coisa horrível para o Brasil, sob o ponto de vista social. E lá na Alemanha e na França eu encontrei coisa diferente. Quer dizer, é importante a gente tomar contato com novos povos, mormente o povo europeu ou o povo americano ou o povo russo. Nem tem dúvida. É importantíssimo a ida ao exterior.

Fita 3 – Lado A

AP – ... e que podia influenciar na direção de Moçambique, ele dizia que era importantíssimo para um país subdesenvolvido, para um país atrasado como era Moçambique, era importantíssimo a pesquisa científica. Tanto ou mais do que nos países desenvolvidos. Por que? Porque Moçambique é de uma potencialidade como tem o Brasil, o Brasil é de uma potencialidade incrível, tem coisas maravilhosas e no entretanto não se faz... não se resolvem os problemas brasileiros. É lastimável isso. Quer dizer, falta de orientação. Não só falta de pesquisadores sociais, provavelmente, eu não entendo de sociologia, mas é... deve ser isso e a pesquisa em todos os campos. Só assim a gente sabe o que tem e como resolver os nossos problemas. E é esse o caso, por exemplo, que eu estava contando, o caso de Napoleão. A fome grassou depois da guerra de 70. Napoleão pega, junta todos os cientistas “Como resolver o problema da fome”. E resolveu. E nós aqui? Eu estava em Moçambique e dizia: “Mas escuta, nós temos que passar fome aqui e no Brasil? É absurdo. É absurdo!”. Porque o que nós temos de animais, o que nós temos de seres que podem servir pra alimentação é uma coisa fabulosa e, no entretanto, passa-se fome. É um absurdo! Provavelmente insetos, que agora estão sendo... gafanhoto que é uma quantidade de proteína, enfim, uma quantidade do alimento que tem, lipídios e sacarídios, enfim, coisas que podem servir pra alimentação, o sujeito destrói. Nós destruímos as nossas fontes. Isso é... como é que nós íamos resolver? Com os químicos, com os biólogos, com os zoólogos, com... quer dizer, com a ciência. É esse o...

WH – Agora, por outro lado, esse... essas potencialidades da ciência teriam que servir para levar a um certo tipo de transformação social que permitiria também essa melhor distribuição em alimentação da população.

AP – Claro, é evidente. É evidente. A ciência é feita para o benefício do homem. Não é feita pra só dizer que coma, é feita para o benefício do homem, pro benefício da sociedade. É por

isso que eu, por exemplo, eu achei, eu escrevi isso quando eu fiz o meu pedido ao Conselho, o homem é a coisa mais importante do mundo, então, trabalhar para a sobrevivência do homem, trabalhar para a melhoria, para a extinção das doenças, sem dúvida nenhuma é uma função das mais relevantes da sociedade e do homem porque só o homem é capaz de transformar. Os outros animais não são capazes de... eles fazem aquelas coisas... uma vez aprendido, eles fazem, ele tem outros instintos, outras coisas, mas não são capazes de transformar. Só o homem transforma, inclusive o próprio homem, em benefício da humanidade. De modo que eu acho que a gente tem que trabalhar para beneficiar o próprio homem. É a coisa primordial da vida. Pra melhoria da vida, pra melhoria das condições de vida do homem. É fundamental.

WH – A gente tava falando no Conselho Nacional de Pesquisas e isso me lembra toda uma discussão que existia, já no final da década de 50, para a criação do Ministério de Ciência e Tecnologia, que uma das argumentações que eram colocadas na época é que o Conselho não havia conseguido definir uma política científica e chegar aos altos postos políticos e que isso prejudicaria a ciência no Brasil. Portanto, os cientistas, muitos deles, se reuniram para propor a criação do Ministério da Ciência e Tecnologia. Quê que o senhor pensa dessa análise?

AP – Naturalmente eu acho que o cientista tem que participar da vida nacional, é evidente. Só com essa participação somos capazes de propor soluções para os problemas que aí estão: o problema da fome, o problema da miséria, enfim, dessa desigualdade incrível, dessa desigualdade social, coisa que não se encontra na Europa, nos países mais desenvolvidos. Sem dúvida nenhuma então o cientista teria que participar dessa...

WH – E o senhor acha que com o Ministério de Ciência e Tecnologia haveria possibilidade de se participar, na época?

AP – Naturalmente, eu acho sim. Eu acho que o Ministério de Ciência e Tecnologia é de importância capital.

WH – E o senhor estava mobilizado, naquela época, junto com o professor Moussatché, o Dr. [Herman] Lent, o Dr. Leite Lopes, pela criação do ministério?

AP – Não, não, eu não. Mas o... provavelmente eu iria participar da Universidade de Brasília que era realmente de importância capital para Brasília, a Universidade de Brasília, na época. Na época e continua sendo, naturalmente, porque as nossas universidades, mesmo a Universidade de São Paulo que é a melhor universidade, na minha opinião... São Paulo é o vanguardeiro de todos os movimentos no Brasil, mesmo assim eu acho que Brasília seria melhor ainda, porque... por exemplo, o problema do concurso de professor. Eu acho que isso é um absurdo, porque nós tínhamos... a carreira universitária tinha que ser primeiro o doutoramento, depois a livre docência e depois o professor, de acordo com os trabalhos e a importância dos trabalhos que ele fizesse, é que devia ser escolhido pra professor. Como é na Europa, como é na Alemanha, como é na Inglaterra. E não fazer concurso. Concurso não tem sentido, absolutamente. Isso eu critiquei na Universidade de São Paulo quando eu estava fazendo o meu doutoramento. E até hoje se faz concurso. É um absurdo fazer concurso! Como? O sujeito pode fazer o concurso mais brilhante o ser o pior... e ser o pior. O professor é aquele que é capaz de inovar alguma coisa, tem que ser pesquisador. Não pode deixar de ser pesquisador. Não pode ser um mero... repetidor de livro. Não. Não é essa a função do professor,

mas sim aquele que é capaz de fazer coisas novas, capaz de dirigir conjuntos, isso é que é professor. Só assim as universidades podem contribuir realmente. E quando eu estava na Alemanha, eu dizia por exemplo a relação que tem a universidade com a indústria. A indústria alemã, sobretudo a indústria química que... só dava altos postos àqueles que eram doutor, e faziam o seu doutoramento. Quer dizer, o doutoramento significa o primeiro estágio científico do sujeito, do universitário. Foi por isso que a Alemanha nunca, com todas as guerras, nunca deixou de ter o mais alto gabarito da sua indústria porque só dava altos postos a aqueles que eram doutor.

WH – Tá, mas o contexto econômico brasileiro se apresenta de uma maneira diversa do que ela é na Alemanha. Como se compatibilizar a indústria multinacional, que não desenvolve toda essa área de pesquisa, com o trabalho científico no Brasil?

AP – É. Realmente isso é um problema que foi... foi sempre levantado e eu, a minha opinião é que nós devemos estudar como isso foi resolvido nos Estados Unidos, porque essa primeira grande guerra, os Estados Unidos não eram... o desenvolvimento não era... era pequeníssimo. Depois da primeira grande guerra é que começaram... é que começou realmente o desenvolvimento científico nos Estados Unidos. E eu acho que merecia ser estudado, profundamente o quê que eles fizeram, como é que eles conseguiram desenvolver aquela... a maior potência do mundo. Nem tem dúvida. Como foi feito isso? Não é o problema de transportar a coisa que foi feita nos Estados Unidos, mas estudar a maneira e ver como se pode resolver o problema brasileiro. Porque sem dúvida nenhuma, esse problema das multinacionais que chegam aqui e que não querem o desenvolvimento e que não interessa empregar grandes somas para o desenvolvimento no Brasil. Mas nós temos que fazer um... uma maneira... eu sei lá, eu não sei, eu não sei como é que é.

WH – Isso não seria talvez um encargo do Estado, uma função do Estado?

AP – Ah. Sem dúvida, uma função do Estado. Por que? Quando eu estava em Moçambique eu dizia: “Nós precisamos das... Moçambique, Moçambique... o moçambicano precisa da multinacional porque traz uma tecnologia, traz... ultra avançadas”. Agora não podemos permitir é que eles cheguem aqui e só nos... e só explorem, mas que eles deixem aqui e que desenvolvam, enquanto possam contribuir realmente pro desenvolvimento daqui. É que nós permitimos que eles nos explorem, nós, nós os brasileiros, permitimos a exploração. De modo que... ou com compra ou com desonestidade, eu sei lá o quê que é. Há uma série de fatores. Eu acho que em primeiro lugar o povo brasileiro precisa ser absolutamente sério, o que não é. E olhar os problemas do Brasil com a maior seriedade possível. Que não têm olhado. Procuram sempre resolver o seu problema pessoal e o resto que se... Essa é que é uma das coisas.

WH – É. Inclusive essa proposta de desenvolver tecnologia nacional, de dar maior importância ao cientista, de incentivar o trabalho científico era uma das propostas, na época, da comunidade que se mobilizava em torno do Ministério de Ciência e Tecnologia. Quer dizer, o senhor não participou nessas discussões?

AP – Não. Não participei. Não participei porque na época eu era muito... não tinha expressão política, não tinha expressão... eu tava começando o meu trabalho de doutoramento.

WH – É, mas foi uma discussão que começou em [19]58 e que seguiu até inclusive após o golpe militar, eles tiveram reuniões com o Magalhães Pinto, em 1966, quer dizer, foi um processo demorado, durou mais de 10 anos.

AP – A contribuição que eu pude dar foi escrevendo da Alemanha dizendo o que acontecia na Alemanha com a química. Eu escrevia isso para a CAPES provavelmente... sobretudo para a CAPES. Dizendo como isso... e analisando por que razão, com toda guerra, a Alemanha nunca foi um país subdesenvolvido, nem ficou... nem alterou o programa científico da Alemanha. a solução dos programas científicos na Alemanha. Quer dizer, foi essa a contribuição que eu pude dar. Eu escrevia para a CAPES dizendo como era feita a coisa na Alemanha. Escrevia constantemente para a CAPES. Espero que tenha... não sei se teve repercussão. Pelo menos eu fiz isso como brasileiro. Agora, o que eu ia realmente contribuir era com... Ah, e uma vez... uma vez lá na UNESCO eu fui com outros colegas fazer um plano para a criação de um Instituto de Química de Pesquisas no Rio de Janeiro e no Brasil. Não conseguimos. Não conseguimos que essa coisa se efetivasse porque no Brasil é difícilimo, inclusive o professor Carlos Chagas que fundou o Instituto de Biofísica, ele... por acaso o Instituto sobreviveu depois dele. Quer dizer, hoje ele tá... hoje ele é apenas um honorário... membro honorário do Instituto. E sobreviveu. E o Instituto Oswaldo Cruz foi das coisas que também sobreviveu, passando por altos e baixos e decadências e tudo isso, provavelmente vai sobreviver. Agora, eu tenho impressão é que no Instituto vai é precisar de mudar a sua estrutura com relação ao pesquisador como a coisa mais importante. Não é o chefe de departamento, o chefe vai... que é o mais importante e sim o pesquisador. Chefe de departamento é pra organizar e possibilitar o pessoal de trabalhar.

WH – É. Inclusive, na época, uma das propostas desse grupo que se mobilizou pelo Ministério de Ciência e Tecnologia, era que o Instituto Oswaldo Cruz deveria passar para a esfera do Ministério.

AP – É, Ministério da Ciência.

WH – ... porque aí ele seria considerado um instituto de medicina experimental e poderia haver mais possibilidade de se desenvolver pesquisa científica.

AP – Também acho isso. Também acho isso. Eu creio também que... Agora, na época, minha... opinião não... mas tinha a opinião do professor Moussatché com quem eu concordava plenamente. Mas talvez, também, uma outra coisa, pode-se fazer ciência mesmo no Ministério da Saúde. Fazer ciência! Não significa procurar remédio pra... não é isso. Fazer ciência realmente! Conhecer a fundo as doenças, porque acontecem... porque que acontecem; sobretudo na lepra é uma coisa extraordinária sobre o ponto de vista científico. É extraordinário. Porque que acontece isso. Eu acho que se pode fazer ciência e nem tem dúvida. Não é simplesmente procurar remédio pra doença, não é isso. Mesmo porque a procura desse remédio é uma procura aleatória e se encontra por acasos, mas estudar profundamente porque que acontece isso, aí eu acho que é perfeitamente válido. Fazer ciência realmente com isso. (INTERRUPÇÃO DA FITA). Eu tenho a impressão que quando a gente fala isso a gente não pode... existe um contexto internacional, existe um contexto nacional. Manguinhos não está isolado. Por que aconteceu aquilo e porque que... Depois da guerra, depois da segunda grande guerra, depois da queda do nazismo, as coisas se modificaram no mundo. Veio a FEB para o

Brasil, que tinha lutado contra o nazismo foram recebidos como heróis integrais aqui no Brasil e com muita razão. O Brasil contribuiu realmente para a queda do nazismo no mundo. Em virtude disso, houve a democratização. Surgiu uma época de democracia no Brasil.

Houve a legalização do Partido Comunista que eu acho que é de importância capital. Por que? Porque o Partido Comunista expressa uma nova opção política para o Brasil, quer dizer, uma nova possibilidade de solução dos problemas políticos brasileiros e dos problemas brasileiros. Porque eu atribuo política é a solução dos problemas sociais de todos os problemas brasileiros. Aqui, no caso de 64, mostrou, por exemplo, a incapacidade absoluta dos militares de resolverem os problemas, porque eles... são autoritários, eles têm o... isso é coisa do militarismo mesmo... quem resolve os problemas é o general, o homem que está participando, e todos os outros só cumprem ordem. Então isso é de um... é absolutamente inexecutável a solução de qualquer problema, não é possível solucionar problemas com um sujeito dizendo, vamos fazer isso, vamos fazer aquilo. E eu, antes da cassação... depois da cassação, apesar da cassação, eu achava que talvez os militares resolvessem o problema do Brasil, mas foi a maior... maior prova de incapacidade foi o que eles fizeram. Quer dizer, hoje eu acho que militar não pode mais vir de jeito nenhum. Os políticos, que eu imaginava que eram horríveis, tem que haver essa política, os políticos tem que treinar e a gente tem que escolher o melhor pessoal que possa, seja realmente capaz de resolver os problemas, porque militar não pode vir mais, de jeito nenhum. Então é com esses políticos, melhorando, e escolhendo o melhor possível, é que nós teremos que resolver os problemas do Brasil.

E então, Manguinhos sofreu muito com essa coisa... com essa revolução. Na minha opinião, os militares tinham Manguinhos na melhor conta possível e isso foi demonstrado porque no meu caso, eu respondo a três inquéritos, um com o professor Olympio da Fonseca que eu acho... eu fiquei decepcionado dele servir de...servir de chefe de inquérito, outro foi com um general realmente espetacular, isso prova realmente que o Exército, as Forças Armadas tinham Manguinhos na maior conta porque o general não permitiu que nos cassassem, com toda a pressão que fez o Rocha Lagoa e muita outra gente e eu acho que contr... e eu talvez tenha contribuído pra isso. Por que? Porque no inquérito... Posso falar agora sobre o inquérito, não é? No inquérito o general me perguntou; ou por outra antes dele fazer qualquer pergunta eu disse a ele: “O senhor vai me permitir uma declaração. Pertenci ao Partido Comunista quando o Partido Comunista era legal”. Isto porque eu achava que só o Partido Comunista seria capaz de resolver os problemas do Brasil porque eu achava que os políticos dos outros partidos procuravam resolver exclusivamente os seus problemas, os políticos do Partido Comunista eram os únicos que tinham realmente uma... que imaginavam uma contribuição realmente para o povo brasileiro, não era, não era o seu problema pessoal, problema pessoal pra ele era secundário, era o problema social realmente. E por isso eu entrei para o Partido Comunista nessas condições. Agora, comunista era aquele que pertencia ao Partido, acabaram com o Partido, então o sujeito não podia mais se chamar de comunista. Comunista é aquele que...

WH – É, mas o Partido continuou com gente filiada mesmo na ilegalidade.

AP – Isso não significa que eu deixei de pensar, deixei de achar que o Partido Comunista seria o único capaz de solucionar o problema. Tanto é... bom, eu fui... modifiquei um pouco o meu modo de pensar pelo seguinte. Em determinada época de minha vida eu fiquei num dilema: Ou ser político ou ser cientista. Como cientista, provavelmente, imaginei, eu poderia contribuir para o desenvolvimento no Brasil tanto ou mais do que se eu fosse político. Como político eu seria do Partido Comunista, como cientista eu seria cientista; não deixaria de pensar,

politicamente, mas não tinha tempo pra agir politicamente porque a ciência absorve e deve absorver inteiramente o... então pensar é uma coisa, e agir é outra coisa. Quer dizer, eu não agiria politicamente no sentido partidário, mas eu agiria politicamente pra solução dos problemas brasileiros.

WH – No sentido científico.

AP – Como... como cientista, é isso que eu... então, eu preferi ser cientista, então deixei de lado as atividades políticas que eu tinha quando eu era do Partido, mesmo porque o Partido não existia. Bom. Então, isso eu respondi, disse ao general: “Pertenci ao Partido Comunista.” Houve uma certa época que eu me encontrei nessa dualidade, me encontrei nessa bifurcação na minha vida e resolvi ser cientista. Então deixei de ter atividade política, mas isso não significa que eu tivesse deixado de pensar, politicamente. Tanto é assim que ele me perguntou: “O senhor é partidário do Partido Comunista livre?”, “General, vou lhe contar, a primeira vez que eu estive na Europa, eu estive com uma bolsa do governo alemão. Eu tinha acabado de fazer o meu doutoramento e fui para a Alemanha com uma bolsa do governo alemão da qual o governo brasileiro não se interessava se eu fosse... o doutor não tem o menor significado. Quase ainda é assim... ainda é assim no Brasil, mas para mim isso significava e significa um “back ground” do sujeito, quer dizer, o primeiro estágio científico do sujeito. Então, nessas condições eu fui com essa bolsa do governo alemão. E o quê que eu vi na Alemanha? Seis meses de frio, em que se pode plantar e seis meses que não se pode plantar. E não tem dúvida nenhuma que a Alemanha é um dos países mais desenvolvidos no mundo! E o quê que nós vemos no Brasil, general? Nós temos o ano todo nós temos primavera, é primavera perene, constante e, entretanto, general, com toda essa possibilidade, nós temos nossos compatriotas passando fome. O quê que expressa isso general? A culpa é sua, é minha, e de todos aqueles que tiveram uma oportunidade de fazer uma universidade. E isso expressa o quê? a incapacidade absoluta das classes dirigentes de resolverem os problemas do Brasil. Isso é que é política, é solução dos problemas brasileiros. Então general, eu faço pesquisa científica, eu faço ciência, eu sou absolutamente favorável ao Partido Comunista livre porque é uma nova opção política para a solução dos problemas brasileiros.” Ele virou-se: “Bom, acabou a pergunta. O senhor é partidário do regime socialista?”, “Vou lhe contar. Eu tenho...

Fita 3 – Lado B

AP – ... minha irmã doou tudo o que tinha ao convento. Todas as ordens (FITA INTERROMPIDA). No mundo existem dois tipos de regime: o regime individualista, cada qual puxa a brasa pra sua sardinha, empurra o outro pro fundo pra poder subir; e um regime coletivista onde existe uma unidade de ponto de vista de todos os grupos por um mesmo ideal. As ordens religiosas que são ricas por causa disso, é um regime coletivista. Então entre um regime socialis... individualista e um regime coletivista, não tem dúvida nenhuma... superioridade absoluta dos regimes coletivistas sobre os individualistas. Então, eu sou absolutamente favorável ao regime coletivista. O senhor chame de socialismo, comunismo, do que o senhor quiser chamar.” Então acabou a pergunta. Aí ele me perguntou “O senhor passou um telegrama ao governo russo?”, “Oh, general, é descabível, não é, isso é uma invenção sem sentido. Qual era o significado que tinha nós passarmos um telegrama ao governo russo?

O quê que representaria passar um telegrama ao governo russo?”, então, acabou. “O senhor passou um telegrama ao senador Luiz Carlos Prestes?”, “Ah, vou lhe contar. Vou lhe contar. Eu sou oficial da reserva, o senhor não sabe, eu fiz o CPOR, o senhor não sabe. Quando eu tive contatos com o Exército, eu tive ligações de civismo.” Ele não sabia se eu estava falando gozando ou se eu estava... se estava falando sério. Ele pôs a mão na boca... – “Pois é general, o senador Luiz Carlos Prestes foi contra as bases americanas aqui. Esse telegrama ao senador, eu passaria agora, neste instante, se depender de mim, nunca haverá bases estrangeiras no Brasil, de qualquer espécie, de qualquer nacionalidade. Nunca!” De modo que... então (rindo).

WH – Sim, essa não era a postura dos militares na época.

AP – Claro. Hein?

WH – Que essa não era a postura dos militares depois do golpe de 64, eles permitiram...

AP – Ah! Permitiriam. Só não permitiram porque o povo seria absolutamente contra e haveria uma... seria uma... não sei. Eles permitiram foi a fotogrametria do Brasil. Ah! O americano conhece melhor o Brasil do que nós. É um absurdo! O americano ou qualquer um. Quem tinha que conhecer o Brasil éramos nós. Temos que conhecer as nossas possibilidades. É uma potencialidade incrível, tão grande quanto qualquer outro grande país. E o Brasil tem possibilidades incríveis realmente. Isso... e nós só podemos resolver isso, com o ministério da Ciência, com o ministro, enfim... com a Ciência... ciência social, ciência experimental, é isso que nós precisamos resolver, é isso que nos...

WH – Mais uma pergunta. Uma das justificativas que a repressão utilizou para os atos em relação aos cientistas do Instituto, foram as suas ideias políticas, quer dizer, o grupo que foi cassado era considerado o grupo mais à esquerda dentro do Instituto, não é? A partir daí houve até um desvirtuamento de justificativa porque era um grupo que não era homogêneo no pensamento político, mas tinha um projeto científico, ele se mobilizou por um projeto em relação à ciência. Então, o que eu queria lhe perguntar é se poderia existir essa identidade de projeto científico desse grupo que foi cassado para a ciência no Instituto?

AP – Bom. Naturalmente nós pensávamos... provavelmente havia identidade de pensamento, mas não havia política partidária, quer dizer, de partido comunista ou outro qualquer. Isso é que não havia no Instituto. Agora, eu tenho a impressão, e o general mostrou isso, que o Exército não estava... não pretendia, não pretendia... o Exército subscreveu, quer dizer, as Forças Armadas subscreveram o que o senhor Rocha Lagoa fez.

WH – Bom, mas as Forças Armadas eram um...

AP – ... eram o Poder.

WH – eram representantes de uma linha política/econômica que se tentou instaurar no Brasil após o golpe, eles eram os implementadores dessa linha. Eles representavam todo um grupo que, naquele momento, tomou hegemonicamente o Poder.

AP – Claro, claro. Eles representavam também um Poder político e um Poder... e todos os

outros poderes econômicos etc. E à força. À força, sobretudo, mas eles se esqueceram que revolução ou guerra não se faz só com força, se faz é com orientação para a solução dos problemas. Eles não foram capazes de resolver os problemas e por isso perderam e perderam... e é preciso que a gente dê parabéns ao Brasil que resolveu os seus problemas pacificamente. Que assim foi na república, praticamente não houve sangue na queda do Império e a proclamação da República. E, também agora em 64, apesar de uma ditadura férrea dos militares, houve uma solução realmente pacífica. Quer dizer, o povo tomou conta das ruas, tomou conta... demonstrou a necessidade de acabar com aquela ditadura e acabou. Pelo menos... e acabou, sem dúvida nenhuma. Porque hoje, por exemplo, o que houve aqui no Instituto, havendo possibilidade de sair daqui do Instituto, coisa que nunca aconteceu em toda a história do Instituto, protestar em praça pública, como se fez, contra os salários que estavam se deteriorando aqui no Instituto, que estavam mantendo. Nunca houve, é a primeira vez na história do Instituto que aconteceu isso. E aconteceu isso com o professor Arouca e o presidente Sarney. Quanto mais o Instituto! Não se permitia isso. E o Instituto era absolutamente aristocrático. Só entrava pra o Instituto alta aristocracia. E agora provou que realmente existe democracia no Instituto cada vez mais. E... quer dizer, o quê que é democracia? É discussão dos problemas. Não existia a discussão dos problemas. Quem resolvia era o chefe e tá acabado. Foi assim na Revolução. E foi assim instituída uma nova estrutura no Instituto. Eu acho que isso se precisa modificar, urgentemente. Quem tem que valer é o pesquisador. O pesquisador é que é importante pra organização da pesquisa.

WH – Depois do golpe de 64, sai Travassos da direção do Instituto e entra o Rocha Lagoa. Como se refletiu a entrada do Rocha Lagoa na direção com essa nova orientação política dada ao IOC por ele e pelo governo?

AP – Naturalmente... uma coisa que é minha opinião pessoal, o Instituto... as forças armadas tinham o Instituto no mais alto nível... e na minha opinião o Rocha Lagoa só foi diretor, o Rocha Lagoa foi inclusive ministro porque ele foi encontrado [como] diretor do Instituto Oswaldo Cruz. A minha impressão é que as Forças Armadas tinham o Instituto como o maior representante da ciência no Brasil. Então, como ele foi encontrado diretor do Instituto, ele foi. Agora, na época, como diretor, ele não mudou grande coisa porque não podia mudar. Depois de 1964 e não sei quando, porque eu não estava aqui e nem sei direito como foi feito isso, houve essa transformação, a criação de departamentos e o chefe do departamento é que... Isso... o meu ponto de vista, e o Rocha Lagoa disse uma vez isso, que ele iria dirigir o Instituto como o Pentágono e o Pentágono era nesse sentido. É de mudar, de colocar os altos... os chefes de divisão, gente absolutamente escolhida e os diretores, há muito tempo, viam... só podia ser diretor, de qualquer repartição, só podia ser diretor aqueles que faziam a Escola Superior de Guerra e foi com o Pentágono é que surgiu então... imaginando como iria modificar a orientação dos institutos científicos. Foi assim no Butantã, em todos os outros lugares.

WH – Isso coloca uma questão que eu gostaria que o senhor me respondesse que é justamente... o senhor diz que as Forças Armadas tinham um Instituto um conceito muito alto.

AP – Muito alto.

WH – ... agora, o Rocha Lagoa era docente, fazia parte do corpo docente da Escola Superior de Guerra, não é?

AP – Exato.

WH – Então, o que eu lhe pergunto é se ele estava de acordo com o novo rumo político que se queria dar ao Instituto, dentro desse panorama todo, e não só como uma pessoa individual, ele fazia parte de todo um grupo, né, e justamente por ser... fazer parte do corpo docente do ESG. Então eu pergunto como os militares teriam um conceito alto do Instituto se o próprio diretor que era da ESG iniciou esse processo todo, né, que o senhor está falando agora?

AP – Bom, o Rocha Lagoa era... o Rocha Lagoa esteve aqui mais de 20 anos. Então ele nos conhecia, nos conhecia realmente. Ele sabia da vida de cada um de nós. E ele provavelmente era favorável a essa... mas na época dele não houve grandes transformações, nesse sentido, da estrutura. Agora, vieram os militares e modificaram. Mas não modificaram o Instituto só não, modificaram todos os institutos do Brasil. Todos os... pra se diretor de qualquer e pra ser reitor ou qual... ou era militar ou tinha que fazer a Escola Superior de Guerra. Isso é... Então eles estavam... é a orientação do Pentágono. A minha impressão é essa, ninguém me disse isso não, é... mas eu, é a minha impressão. Os chefes impediam a entrada de qualquer sujeito que fosse... e o Rocha Lagoa queria acabar com os comunistas; ele queria acabar com os comunistas, achava que os comunistas é que tavam perturbando o Instituto. Quer dizer que eu acho que... eu acabei... eu disse no inquérito. Numa democracia tem que haver discussão, é isso é que é democracia, é discussão. E não existia discussão. Ele resolvia e estava acabado.

WH – É. Agora, os inquéritos que foram realizados aqui no Instituto, eles não apuraram nada contra os cientistas, mas mesmo assim, após anos realizados esses inquéritos, 10 cientistas foram cassados. O que eu quero saber é como se explica isso, não é? Porque se o Rocha Lagoa acusava de comunismo e os inquéritos não apuraram essas acusações, por que se justifica a cassação?

AP – Bom. O Exército... as Forças Armadas apesar de terem o Instituto numa alta conta, como demonstrou o general, eles não nos cassaram em 1964, eles... qual foi a conclusão que eles chegaram? O general chegou e... nós éramos sujeitos de alto nível, queríamos resolver os problemas do Brasil, patriotas e outras coisas mais. Agora, o Rocha Lagoa foi ministro... na minha opinião porque foi encontrado como diretor aqui, então foi chamado pra ministro. Naturalmente depois ele teceu os seus amigos políticos pra contribuir para isso, ele queria ser ministro, queria ser ministro, ele foi ministro por causa disso, não só por que ele foi encontrado como também pelos seus amigos que ele era amigo do presidente Dutra e outros mais que eu nem sei; isso é... não é meu problema, mas o Exército subscreveu. O Rocha Lagoa nos conhecia há 20 anos aqui, ele foi levar diretamente ao presidente Médici o nome dos... do pessoal que ele queria que cassasse, que ele dizia que era comunista. Se era comunista ele precisava... era opinião também dos militares. Agora, os militares não tomaram a responsabilidade. O Rocha Lagoa foi levar, levou e eles assinaram. É claro! Rocha Lagoa era nosso colega aqui e disse que nós éramos comunistas, era o suficiente. Nós éramos subversivos, nós éramos contra o regime, então eles subscreveram. Quer dizer, eles subscreveram a cassação. Quantos o Rocha Lagoa levasse, quantos eles cassariam. Foi o que aconteceu. Levou 10, os 10 foram cassados. Mesmo sabendo que, por exemplo, o Dr. Tito [Arcoverde de A. Cavalcante] nunca teve ideias comunistas, apenas porque era amigo do Dr. Moussatché. Sabendo, por exemplo, que o professor [Fernando Braga] Ubatuba não era comunista. O professor [Hugo de] Souza Lopes

não era comunista. Enfim, a maioria nunca pertenceu ao Partido Comunista. Um dos poucos que pertenceu fui eu. E um outro, o professor Neiva que já na época do Dutra foi cortado o contrato dele. O Neiva, Aluizio Neiva Filho que teve o seu contrato cortado na época do (INAUDÍVEL), general (INAUDÍVEL), na época do Dutra como... ele era... nós éramos contratados, foi só cortar o contrato.

WH – Por exemplo, o senhor falou que o Dr. Tito nunca pertenceu ao Partido Comunista e nem tinha ideias comunistas, mesmo assim ele foi cassado. O Dr. Tito, na época, estava se mobilizando pela criação do Ministério da Ciência e Tecnologia que era um dos projetos políticos da comunidade científica que não estava de acordo com a direção que o governo pretendia dar à área da ciência. E, por outro lado, tenta-se fazer da cassação algo pessoal do Rocha Lagoa pelos cientistas de Manguinhos, não é? Eu gostaria que o senhor me respondesse, pensando num plano mais amplo da ciência no Brasil, quando acontecem casos parecidos na Universidade de Brasília, em São Paulo, em Campinas, no Rio Grande do Sul, se isso não teria um aspecto bem mais amplo de um projeto do governo para a área da ciência e de evitar qualquer mobilização que se tentasse.

AP – Bom. Eu não penso assim não. Porque os únicos que foram cassados, de todos os... no Brasil, os únicos, foi daqui do Instituto Oswaldo Cruz. Com seu Rocha Lagoa. Seu Rocha Lagoa... foi um problema pessoal porque... foi um problema pessoal no sentido de que o Rocha Lagoa levou o... levou a coisa, mas isso era o contexto da Revolução. A Revolução se fez baseada em quê? Contra o comunismo. Isso era problema do Pentágono, o Brasil não podia se transformar em comunista de jeito algum. Era o problema do Pentágono. Não há uma... Os militares subscreveram, cassaram, perda de direitos políticos apesar de nós não sermos políticos. Fomos os únicos no Brasil. Porque todos os outros foram afastados, foram atingidos pelo ato institucional nº 1. Nós não fomos só atingidos, mas perdemos os direitos políticos. Impressionante essa coisa. Somos os únicos, os únicos, pesquisadores e professores que perdemos direito político. Ninguém mais no Brasil perdeu essa coisa. Porque o Rocha Lagoa, era pretensão de extinguir os comunistas do... no Instituto. Então, a única maneira de extinguir era a cassação, e ele conseguiu.

Como ministro, ministro recente, ele conseguiu. Levou problemas pessoais como o problema que ele tinha com o professor Tito, porque o Dr. Tito tinha sido contra uma pretensão dele no Conselho de Pesquisas. Parece que ele tinha sido um diretor durante algum... presidente do Conselho de Pesquisas durante algum tempo e impediu essa pretensão do Rocha Lagoa. Quer dizer, teve problemas pessoais, teve problemas... mas sobretudo ele quis englobar e conseguiu, que os comunistas teriam que ser... os comunistas é que fa... e comunistas era aquele que não só pertencia ao Partido ou não pertencia, não interessa, é quem pedia... é quem queria realmente trabalhar pela ciência, esse é que é o problema. É o caso nosso do Haity, do professor Walter Oswaldo Cruz, que acabou morrendo sem ser cassado; se ele tivesse sobrevivido ele seria cassado também, quer dizer, aqueles que queriam resolver realmente... que trabalhavam o tempo integral no Instituto. É isso é que eu acho. Quer dizer, foi um... foi uma coisa de contexto então, nacional. Foi uma... o Rocha Lagoa foi um instrumento que eles encontraram, eles subscreveram, eles não tomaram a responsabilidade. E não... e na minha opinião, eles tinham o Instituto na mais alta conta. Agora, o Rocha Lagoa apresentou, eles assinaram, todos os ministros assinaram. E provavelmente até com protesto de alguns ministros. Protesto não, mas pelo menos ... eles eram ministros, tinham que assinar juntamente com o presidente, eles não iriam protestar porque... (rindo) podiam perder o lugar.

WH – Falando um pouco mais na vivência desse período. Quando esse processo de perseguições se instaurou em Manguinhos, depois de 64, com a entrada do Rocha Lagoa e o início dos inquéritos, inclusive o Fernando Ubatuba chegou a ser preso, teve várias acusações, não é? Qual foi a sua vivência nesse momento? O senhor estava trabalhando em Manguinhos? Como é que o senhor sentiu toda essa pressão em cima dos cientistas e dos seus trabalhos?

AP – Bom. Em 64, houve os inquéritos. Muito bem. Eu imaginava que de acordo com as minhas respostas, seria cassado. Não fui. De maneira que continuei a trabalhar com o máximo de intensidade, muito mais razão, com o máximo de intensidade que eu podia trabalhar. Muito bem. Só fomos cassados em 1970. Nós estávamos no laboratório, estávamos no laboratório e de manhã, o servente que é nosso auxiliar lá no laboratório chegou e: “O senhor não sabe o que aconteceu...”, falei: “O quê? Quem morreu?”, “Os senhores foram cassados”! Porque o jornal deu, a rádio deu, a televisão deu. Todo mundo ficou escandalizado com aquela cassação, não havia razão. O Médici, o presidente Médici tinha dito que não haveria mais essa... não haveria cassação. E justamente quem foi cassado, fomos nós, os únicos cassados não sendo políticos. Então, naturalmente, nós ainda continuamos a trabalhar. Pouco tempo depois o Rocha Lagoa proíbe a nossa entrada aqui no Instituto dizendo que quem tentasse seria preso. Lacre os nossos laboratórios, o meu laboratório que tinha um manancial incrível de produtos químicos e de outras coisas foi destruído absolutamente. O meu, o do Walter Cruz, o do Moussatché eu não sei como é que foi, enfim, os outros eu não sei como é que foi, o meu eu sei que foi destruído. Destruíram completamente os produtos químicos. Quando eu voltei agora, quando eu voltei depois, que eu vim aqui... eu ainda encontrei alguns produtos, mas que desapareceram completamente. Não sei onde é que foram.

WH – Já que o senhor nisso, nós fizemos uma entrevista com o Dr. Moussatché e ele contou um caso muito interessante que está acontecendo com ele agora e eu gostaria de saber se acontece com o senhor também. Quando ele foi embora de Manguinhos o laboratório dele lacrado, foi fechado e as pessoas que ficaram e viram o que ia se destruir começaram a levar o material e guardaram durante 15 anos. Com a volta do Dr. Moussatché aqui pro Instituto começaram a aparecer essas pessoas e a entregar novamente todo esse material que é calculado uma fortuna e não só uma fortuna em valor econômico, senão um ato bonito da parte dessas pessoas. Com o senhor aconteceu a mesma experiência?

AP – Infelizmente não. Infelizmente não. Porque os produtos químicos que eu utilizava, as Forças Armadas tinham pavor e então destru... eu não sei o quê que fizeram com eles. Me disseram que foi jogado dentro d’água, eu não sei. Eu sei que foi criminosamente destruído. Como, eu não sei.

WH – O senhor nunca recuperou nada?

AP – Não. Não. Muito pouca coisa eu consegui ali que tá ali dentro daquela mala, mas muito pouca coisa. Não sei como é que aconteceu. Foi maravilhoso isso com o Moussatché, realmente, foi uma sorte incrível. Porque o meu era... considerado mais... porque o Moussatché era coisa de biologia, o meu era coisa de química e que podia... eles imaginavam que podia fazer bomba (rindo). Então...

WH – Chegaram a acusar disso o senhor?

AP – Não me acusaram, mas eles pensaram isso, porque destruíram.

WH – Nós estávamos falando do clima que se instaurou naquela época, não é? Uma coisa que eu gostaria de saber se naquele momento chegou a haver algum tipo de mobilização dos cientistas, logo após a entrada do Rocha Lagoa, em oposição ao que ele tava tentando fazer com o Instituto.

AP – Naturalmente mobilização não poderia existir nenhuma porque alguém que se mobilizasse seria cassado, como nós fomos...

Fita 4 – lado A

AP – O que foi admirável, sem dúvida nenhuma. Foi da grande maioria uma solidariedade absoluta a nós. Isso desde o mais ínfimo servidor até os melhores pesquisadores. E uma coisa fabulosa é que todas as vezes que eu tive que vir aqui cuidar de alguma coisa, no Ministério da Saúde, em qualquer outro lugar, se nós fossemos e disséssemos que tínhamos sido cassados, a coisa se modificava completamente. Isso foi, por exemplo, na alfândega, quando eu tive que voltar de Paris, eu trouxe... não era permitido trazer pequenos aparelhos elétricos ou qualquer coisa, e eu trouxe até ferro... enfim, eu podia trazer o que eu quisesse e eu trouxe, que é muito comum lá em Paris é ter aqueles baús de metal, aqueles baús metálicos, de lata, trouxe aquilo cheio, trouxe pelo navio. E quando eu disse à moça que tinha sido cassado... “pode ir embora” - Eu disse “Olha, eu trouxe...” “Não tem nada, não tem nada”. Em todos os lugares, quando eu dizia que tinha sido cassado... Uma vez eu vim de Paris... eu tenho a impressão... mas eu sei que eu cheguei da Europa, foi na alfândega, eu vim de avião e para nossa saída, na época, nós tínhamos uma permissão especial, um carimbo especial do Ministério da Justiça, carimbo especial... esse carimbo significava cassado, só os cassados tinham aquele carimbo no passaporte. Eu tenho esse carimbo ainda, tenho esse passaporte. Quando eu cheguei aqui no aeroporto, um rapaz que fazia verificação do passaporte, me disse: “O senhor saiu sem licença daqui.”, falei: “Como? Tem um carimbo especial do Ministério da Justiça, de cassado, como é que eu saí sem licença?”, “Ah, bom, o senhor vem falar com o chefe.”, eu cheguei e disse: “Olha aqui, vou lhe dizer, eu não fiquei francês porque não quis! Porque eles estavam exigindo a minha naturalização e eu preferi ser brasileiro a ficar francês.”, “Ah, não, não, não, seja bem vindo!”, “Eu espero! Eu espero que eu seja bem vindo porque eu não fiquei francês porque não quis!”. Aí ele me liberou, mas é incrível! Agora, sempre fomos os melhores... fomos recebidos da melhor maneira em qualquer parte, no Ministério da Saúde, em qualquer lugar, no Brasil ou fora do Brasil, porque a solidariedade humana... com a injustiça, porque era uma injustiça, nós não éramos políticos, nós não fazíamos política, nós pensávamos; isso é outra coisa. Porque se nós fôssemos pegados com arma na mão, eu acho que seria justo, qualquer governo tem direito de se defender, mas não sendo assim, sem quê nem porquê! Houve protesto do senador Ted Kennedy no... senado americano. Eu tenho documento disso. Documento publicado no jornal “O Estado de São Paulo”. Houve protesto de todos os jornais. Era o “Correio da Manhã”, o “Jornal do Brasil” publicou coisas imensas, “A Tribuna da Imprensa” com o... aquele jornalista da...

WH – Sebastião Neri.

AP – ... Sebastião Neri que nos defendeu arduamente, disse inclusive, perguntaram ao Rocha Lagoa “Mas eles foram cassados sem inquérito”. Depois do... quer dizer, em 1970 nós não fomos a inquérito. Então o Sebastião Neri publicou isso – mas porque... como é que eles foram cassados sem... – perguntaram ao Rocha Lagoa – Ah, não. Eles são muito inteligentes, vão tapear os generais e eles têm que ser cassados... – E foi o que ele fez. Levou diretamente ao presidente Médici. Ele era ministro novo e o presidente Médici assinou porque contra comunistas, eles assinavam qualquer coisa. Não podia ser comunista. Ele disse que era comunista, ele era... 20 anos aqui no Instituto, então ele... ele conhecia. O presidente Médici é que não podia assinar e dizer se nós éramos ou não éramos. Ele subscreveu.

WH – E um caso que aconteceu com o senhor e que justamente vem mostrar toda essa questão um tanto quanto incoerente da cassação de vocês, que o senhor em 65 foi convidado para ir a França e o Dr. Rocha Lagoa impediu a sua viagem...

AP – É. Tentou impedir.

WH – ... o que resultou numa certidão que foi despachada pelo próprio Golbery, que na época era do SNI, provando ou justificando que o senhor não tinha nada apurado contra.

AP – É. Eu tinha um amigo que tinha a possibilidade de ir ao Golbery e esse amigo foi ao Golbery. Falou com ele que nós não tínhamos... e era coisa, era os resultados do inquérito, que não existia nada contra nós e assim ele passou essa certidão. Agora, como o Herman conseguiu isso, eu não sei, porque eu não sei, eu guardava isso em segredo. E ele publicou isso, depois eu vi. (rindo)

WH – Mas mesmo na posse dessa certidão o senhor em 1970 é cassado...

AP – Na posse dessa certi... com a posse dessa certidão é que eu... Pois é, eu em 70 eu fui cassado. É a coisa, o Rocha Lagoa queria... o Rocha Lagoa sabia que eu tinha pertencido ao Partido e que eu declarei isso no inquérito. Então é a coisa, por exemplo, pra entrada nos Estados Unidos, o sujeito não pode ser comunista. Se o sujeito for comunista não entra nos Estados Unidos. E assim era o Rocha Lagoa. O Rocha Lagoa, foi comunista, foi ou é ou qualquer coisa ou deixou de ser ou não deixou de ser, não importa, foi... pertenceu ao Partido Comunista. Pra ele é o suficiente pra...

WH – O Herman Lent, fala, no seu livro “O Massacre de Manguinhos”, que já há muito tempo existiram dois grupos em Manguinhos que estavam quase sempre em oposição, não é? Ele não identifica que grupos são esses, mas ele fala que existiam dois grupos de conflito. Inclusive o Dr. Olympio afirma essa questão dizendo que todos os diretores enfrentavam algum tipo de oposição interna. O senhor acha que esse tipo de conflito pode ter influenciado em todo esse processo que culminou na cassação?

AP – Eu acredito que sim porque existiam aqueles que queriam trabalhar, aqueles que queriam trabalhar. Então, lutavam por essas condições de trabalho. Aqueles que não queriam trabalhar, tanto fazia... é muito bom que chegasse um Rocha Lagoa que não... porque não iria fazer... não iria... não havia anda a pedir, a exigir condições de trabalho. Então, existia realmente. E essa

foi uma coisa da degradação do Instituto. Em qualquer Instituto existia essa coisa, os que querem trabalhar e os que não fazem questão de trabalhar. Para aqueles que tem nada a solicitar, que não... o Instituto está sempre bem porque chega aqui e deixa de fazer... faz ou não faz e não importa.

WH – É, mas qual era o interesse desse grupo que não quer trabalhar em impedir uma pessoa, por exemplo, como Walter Oswaldo Cruz que conseguiu financiamento, que montou laboratório, inclusive pessoas como o Moussatché ou como o senhor, de trabalhar?

AP – É claro. Assim... há divisão dos grupos. Aqueles que querem trabalhar e que lutam por essas condições de trabalho e os que não querem trabalhar e vêm aqui só pra assinar o ponto e pra... É essa a deterioração do Instituto.

WH – Justamente, mas a minha pergunta... o que eu queria que o senhor me respondesse é por quê que essas pessoas que não querem trabalhar impediriam os que tentam trabalhar e desenvolver pesquisas.

AP – Porque assim salienta a diferença realmente daqueles que querem trabalhar. Porque assim fica evidenciado realmente porque aquele que é funcionário público que assina o ponto e sai pouco tempo depois ou que fica aqui, lê jornal ou que lê revista, sei lá o quê que faz, existindo essas diferenças, aí eles vão ter que trabalhar. É essa a coisa. Eles vão ter que trabalhar realmente. Mas isso é... existe essa diferença realmente. Aqueles que querem e lutam pelas condições de trabalho, esses são os subversivos, são... na opinião do seu Rocha Lagoa. Porque o Rocha Lagoa, enfim... existia um grupo que chegava aqui e fazia as coisas... o seu dever, cumpriam o seu dever. O dever era o sujeito fazer as coisas rotineiras que... Agora, aqueles que querem trabalhar, não, eles ficam aqui e lutam por essas condições de trabalho. Isso em qualquer parte do mundo existe isso, me parece. Existiu isso na França, existiu no Instituto Pasteur, existiu... parece que existiu isso na Universidade de São Paulo, aqueles que querem trabalhar e aqueles que são funcionários públicos. Então, essas disparidades criam inveja no sujeito. Os sujeitos acham que estão... isso é um... para satisfação pessoal, muita gente acha isso, pra satisfação pessoal, o sujeito faz pesquisa por satisfação pessoal, não é com objetivo do Brasil, não é pra solução dos problemas não é com... acham isso. Eles pensam, pessoalmente.

WH – Dr. Perissé, após a cassação e inclusive o afastamento de uma série de pessoas que estavam trabalhando junto com os cassados, fecharam-se os laboratórios. Como é que ficou Manguinhos em termos de pesquisas, financiamentos, convênios, colaboração com outros institutos nacionais e internacionais? Como é que refletiu essa cassação e esse esfacelamento nos rumos do Instituto, após 1970?

AP – Bom. Repercutiu, naturalmente, pessimamente não só aqui, como no exterior. Todo aquele ritmo de trabalho desapareceu. Então o... toda aquela produção científica parou. Houve um... todo o Instituto ficou extasiado, ficou... daquele acontecimento horrível.

WH – Nessa época o senhor estava trabalhando em que assunto?

AP – Estava trabalhando nos disprópodos. Tava começando... comecei a fazer trabalho um em

cima do outro, um em cima do outro...

WH – Tinha convênio?

AP – ... não previa absolutamente a cassação, mas pra produção de trabalho. Eu queria aproveitar o meu tempo.

WH – E todo esse setor acabou com a cassação, toda essa pesquisa?

AP – Ah, acabou naturalmente, claro.

WH – E o senhor tinha convênio, financiamento com outras instituições?

AP – Nós tínhamos dinheiro da *Ford Foundation*. Eu comprei algumas coisas, algum material com... da Ford Foundation e depois, depois da cassação, o Rocha Lagoa quis... quis recuperar esse material todo que tinha sido dado ao professor Walter Cruz, ao Moussatché, a mim e a outros, ele tentou recupe... parece que ao Herman também, eles tentaram retomar isso pro Instituto, mas a Ford disse: “Não, não, eu dou a quem eu quero.”- E esse material... livros, por exemplo, eu comprei livros com o dinheiro da Ford e comprei o material que ficou aqui. Provavelmente... eu não sei onde é que foi, mas sei que a Ford não permitiu. Nós tivemos que prestar conta disso, porque disseram que nós tínhamos sido... que nós... enfim, recebemos dinheiro da Ford... Enfim, o Rocha Lagoa fez toda espécie de acusação. Mas enfim, claro que a coisa fundamental do pesquisador é ser honesto, poxa, então não havia perigo que nós... nós não... Prestamos conta no inquérito, prestamos conta dessa coisa que nós tínhamos da Ford. Isso foi lá no Ministério da Saúde. E foi muito engraçado porque esse homem, que foi presidente do inquérito lá no Ministério da Saúde, me disse assim: “Ah, o que vocês precisam é de uma assistência religiosa.”, aí eu falei: “Ah, vou lhe contar. Agora, agora, neste instante está sendo acabado... está acabando... acabou de ser descoberto uma coisa fabulosa na Universidade de Stanford.” Então, eu contei o negócio das planárias a ele: “A planária tem uma propriedade fabulosa e quando cortada ao meio, a parte da cauda recupera a cabeça e a parte da cabeça recupera a cauda. Isso é comum, que a lagartixa faz isso e outros fazem isso. Mas agora, parte da cauda recuperar a cabeça, isso a planária faz. E a planária tem uma propriedade fabuloso de aprender. Então, quando se incide um feixe elétrico na planária, ela vira a cabeça do lado direito. Então a planária prende essa coisa, depois transforma esse feixe elétrico em feixe luminoso e a planária... e a recuperação, foram feitos dois tipos... dois grupos de recuperação da cauda e recupera a cabeça e foi feita no ácido ribonucleico e nos ácidos desoxiribonucleico, mas com o desoxiribonucleico ou o ácido ribonucleico, agora não... mas o que interessa é o seguinte, é que com o ácido ribonucleico ou ácido desoxiribonucleico, quando há recuperação da cauda e recupera a cabeça e que elas aprenderam... elas... quando elas recuperam, elas voltam a responder a esses... a essa incidência do feixe luminoso ou feixe elétrico, elas viram a cabeça pro lado direito com um determinado ácido, no outro ácido não coisa...”. “Então, doutor, o quê que expressa isso?”, “É que a memória, uma das funções cerebrais, corre por conta desse ácido ribonucleico, desse ácido nucléico, corre portanto então... estão desaparecendo as funções da alma, então está caindo por terra a religião, o problema religioso, porque não é um problema religioso, é um problema realmente fisiológico, é um problema...” (rindo) eu contei essa história. Está acabando de descobrir, então não é um problema religioso. Não é esse problema, mas esse homem, quando acabou o inquérito, ele foi

me levar em casa, perguntou se eu tinha carro, ele morava em Copacabana, eu falei: “Não”, “Então eu vou lhe levar em casa”. Chegou em casa, chamou minha mulher, meus dois filhos e fez os maiores elogios à minha pessoa. Eu fiquei muito honrado por isso. Quer dizer, o Rocha Lagoa só conseguiu uma solidariedade a nós de todo mundo, de todo mundo. Foi isso que ele conseguiu.

WH – Professor, já está concluindo a nossa entrevista e uma coisa que eu gostaria de lhe perguntar é o senhor já está aqui na Fiocruz há praticamente quatro anos, né?

AP – Quanto?

WH – Quatro. Desde 81, desenvolvendo projetos, estudando a questão da bioquímica da lepra, né, mas a questão da...

AP – Inicialmente não.

WH – ... mas a questão da reintegração definitiva do senhor e mais dos outros cassados ainda não foi definida realmente, está se tentando mas ainda não houve nenhum fato concreto. Como é que o senhor está sentindo isso em termos profissionais e em termos afetivos? Aqui na Fiocruz?

AP – Bom. Naturalmente eu acho uma coisa, a nossa reintegração não poderia existir mais. Por quê? Porque hoje não é o Instituto Oswaldo Cruz, o Instituto Oswaldo Cruz faz parte de uma Fundação... da Fundação Oswaldo Cruz, é uma parte dele... nós éramos do Instituto Oswaldo Cruz que era o Instituto Oswaldo Cruz. Hoje o Instituto Oswaldo Cruz deixou de existir e existe a Fundação. De maneira que a reintegração não é bem o caso; seria a nossa contratação, isso é que eu acho que é possível. Agora, porque não se fez, não sei, porque existe realmente demonstrado o interesse do presidente Arouca que queria fazer. Agora, porque não se fez, eu não sei.

WH – Mas assim mesmo o senhor continua trabalhando e interessado em...

AP – Naturalmente. Isso não depende de contratação, não depende de contratação. Eu acho que se eu puder contribuir para a solução do problema da lepra eu estou fazendo uma contribuição não só ao Brasil como ao mundo. De maneira que não... é um problema de... não é um problema de simples contratação, eu podia ser contratado e não fazer nada. Não é esse o problema, é um problema íntimo, meu, pessoal e eu não seria... o Rocha Lagoa queria que nós ficássemos alijados, fôssemos... como é? Aposentados, que nós ficássemos como aposentados, mas isso de maneira nenhuma. Inclusive eu disse ao meu amigo em Paris, eu não ficarei aposentado, quer dizer, não deixarei de trabalhar de modo absolutamente nenhum. Se eu não conseguir fazer trabalho experimental, eu vou escrever livro, livro de química que eu poderei contribuir para o Brasil, porque eu leio francês, leio inglês, leio alemão, leio... posso ler alguma coisa de russo, de maneira que eu vou contribuir para o Brasil. Então, não é um problema de ficar aposentado, de maneira nenhuma! Nunca ficarei aposentado! Vou trabalhar até o fim da minha vida! A não ser que eu fique doente, fora disso não.

WH – E afetivamente, essa volta aqui para o Instituto ou para o que hoje é a Fiocruz?

AP – Claro que é importante para nós porque nós vamos criar condições. Inclusive agora, com o professor Moussatché aqui, quer dizer, que o professor Moussatché, o professor Tito, o professor Ubatuba que eu atribuo de... o professor Hugo Souza Lopes, mesmo o professor Herman Lent, que está um pouco desviado do meu problema, mas que podem existir problema. Então é... claro, e não deixarei nunca de trabalhar. Então não é problema só de... coisa, é um problema meu e íntimo meu (Gravação interrompida) ... a sua liberação, porque a minha não é problema não. Eu hoje eu vim pra isso só.

WH – O que eu gostaria que o senhor me comentasse agora é como o senhor vê a Fundação hoje em dia, né? Quer dizer, considerando que ela está se desenvolvendo em diversas áreas, como controle de qualidade, a produção de medicamentos, tem a área de formação de pessoal na ENSP, para a saúde pública, e ao mesmo tempo a área de pesquisa básica, pesquisa científica, e a volta dos laboratórios, inclusive o laboratório de fisiologia...

AP – Bom, não é só... outros parece que estão fazendo trabalhos científicos aí, não só depende de nós, é o resultado de um conjunto de todos os... Naturalmente eu também acho uma coisa. Com relação ao INCQS, eu acho que é muito importante que o controle de medicamentos fique no Instituto. Eu acho de importância. O problema de... agora, naturalmente, uma outra coisa, a construção da farmácia de Manguinhos, Farmanguinhos, eu acho que precisa é pôr gente... eu não vejo... eu acho que fazer sulfona, fazer isso, fazer aquilo, quer dizer, não é... procurar fazer pesquisa de novos medicamentos, isso é que é importante. E que teria oportunidade, tem gente que pode fazer. Quer dizer, assim nós sairíamos aproveitando os produtos da Petrobrás, os produtos da siderúrgica e outros produtos, aproveitando a nossa matéria prima que nós fazemos aqui. Isso é que eu acho que é importante. Nós podemos contribuir muitíssimo pra... e o controle de qualidade naturalmente é importante também, claro, porque assim não permite desonestidade na indústria farmacêutica que é de importância capital para o povo brasileiro. Claro! E o desenvolvimento da... essa coisa de pesquisa básica não... quer dizer, nós temos que contribuir é para a vida... todas as coisas... ver a contribuição para a vida do brasileiro

WH – E como o senhor vê o papel da Fiocruz nesse sentido da contribuição para a vida do brasileiro hoje? Qual é o quadro atual da Fundação nesse sentido que o senhor está falando?

AP – Eu acho que está deficitária ainda. Por exemplo, com relação à Farmanguinhos, eu acho que é grandemente deficitária. Com relação ao INCQS, talvez tenha melhorado, com relação a... como é? Essa coisa de vacina, como é?

WH – Bio-Manguinhos?

AP – Bio-Manguinhos, talvez, talvez tenha contribuído. Os japoneses vieram fazer coisas boas aqui. Eu acho que não... quer dizer, possibilidade nós temos, é só desenvolver realmente a pesquisa científica, isso é que eu acho. Estou cansado de dizer pro professor Arouca que sem ciência não se faz nada. Fazer ciência realmente. Com a ciência a gente pode resolver os problemas.

WH – Tem mais alguma coisa que o senhor queira acrescentar à entrevista?

AP – Que me lembre não. Que eu me lembre não porque eu falei sobre... o que eu queria dizer, eu tenho tentado falar a esse respeito do coisa... porque... e outra coisa, Manguinhos pertence... Manguinhos faz parte de um contexto nacional e internacional. Internacional no sentido de quê, quando o nazismo veio, agora nós estamos num regime democrático em todo o mundo é, na minha opinião, o mundo caminha pro regime... pro socialismo. Isso...